

Boris Kornev

Nuvens na areia

Uma coleção de contos e essay

“Ilustração histórica”
São Petersburgo
2024

Kornev, Boris F.

Nuvens na areia: Uma coleção de contos e es-
say. – São Petersburgo: Ilustração histórica, 2024. –
84 p. : il.

ISBN 978-5-89566-280-9

Ilustrações fornecidas pelo autor.

Índice

Prefacio	5
O Fôlego do Tempo (<i>Essay</i>)	6
As Últimas Gotas de Chuva (<i>Historia</i>)	14
O salão de cabeleireiro em frente (<i>Essay</i>)	34
Presentimento (<i>Essay</i>)	37
Portugal. Primeiras impressões (<i>Essay</i>)	39
Conformação da alma (<i>Essaio</i>)	55
Andorra. É aqui que nascem as impressões (<i>Essay</i>)	58
Poeira da alma (<i>Essay</i>)	68
A Insustentável Leveza do Ser... (Swiss Air “Zurique – São Paulo”) (<i>Conto</i>)	73
Desacoplar o sonho (<i>Essay</i>)	81
Sobre o autor	84

Prefacio

Acontece que, tendo apreendido o encanto até então inexplorado de algo novo, inesperadamente próximo e surpreendentemente nativo para si, a mente humana inflama-se de repente. Ultrapassar esta “inflamação dos sentidos” praticamente impossível. Os pensamentos não nascem... Eles estão a voar de longe de repente como a sombra negra de um passador, de luz de um raro candeeiro de rua, e desaparecem imediatamente. Desaparecem como sombras, deslizando rapidamente da parede e do-brando-se sobre as saliências.

Diretamente neste momento que é preciso fazer um corte elegante na pele espinhosa do mundo circundante, rasgar a concha impenetrável das emoções habituais e, através das fissuras, inalar o sabor delicado da Vida! E o mar de sensações, como uma lufada de ar fresco através de uma janela aberta, penetrará na sua alma, enchê-la de prazer, da agitação da alma e um pouco de exaustão... Estas sensações estão por todo o lado à sua volta e dentro de si! No brilho efêmero do sol numa gota de orvalho da manhã... Nos raios ténues do dia que passa, tendo tempo para brincar na superfície da água... No brilho dos teus olhos... Eles estão nas nuvens que voam, apenas visíveis por um momento na areia molhada depois de a onda recuar...

O Fôlego do Tempo

Essay

*“Arranco o urze, o outono está morto.
Na terra, tens de compreender,
Nos não encontraremos mais.
O capim sussurra. O aroma da decadência.
O outono está morto. Mas vou esperar pelo encontro!”*
(G. Apollinaire. O Adeus)

Fim de outono. Portugal. Costa do oceano. A sensação de infinitude e paz penetra a alma, enchendo-a de êxtase, ternura e uma languidez não totalmente compreendida. Lá longe, além do horizonte, a América...

Assim estava, apreciando a vista. Só que tudo isso foi há muito tempo. E o oceano era outro, e América foi a um passo de distância, do outro lado do estreito de Bering. Era o ponto mais oriental da Eurásia – o cabo Dezhnev. Ao lado a baía da Providência...

Agora, o ponto mais ocidental, cabo da Roca! Nas proximidades, Lisboa. Em tradução da antiga língua fenícia e, por mais estranho que pareça, de-

pendendo da pessoa que visita esta cidade, soa de maneira diferente: para os justos – “baía Abençoada”, para os outros – “baía da Bênçãos”. No Antigo Testamento, os justos eram aqueles que se esforçavam para viver em consciência e obedecer a Deus. Ou pelo menos o Destino! É estranho, muitas vezes as pessoas pedem a Deus para mudar seu Destino, esqueça que foi Ele quem deu-lho, para que eles próprios se mudassem...

Há algo místico aqui... Entre “Providência”, essencialmente no início da minha vida independente, e “Bênção” hoje, quase meio século de Ser agitada, onde metade desse tempo é uma era de mudanças. Parece tão simples! Sente-se no avião: baía Providência – Anadyr – Moscovo – Lisboa, assim voe atrás do sol... Nem nota. Como um piscar de olhos! O tempo de voo é o mesmo que a diferença de fuso horário – doze horas...

Não! Aqui tudo aconteceu por si só. Ou o Destino ordenou? Não de imediato, claro, omitindo toda uma camada de tempo compactado – um longo caminho de busca espiritual. Algo como o “Caminho do Meio” de Buda. Especialmente nos anos 90! Um passo para o lado – um precipício! Não quebrar barreiras no caminho, mas “esperar imediatamente”, sem reduzir os número de oportunidades. Isso lembra um pouco o surfe. Lá também é preciso se manter no topo da onda, constantemente sentir tudo ao redor: a ressaca, as rajadas de vento, os salpicos e, claro, a si mesmo... Se conseguisse – significa que

possui um Segredo certo e deslizas-te facilmente pela onda da vida... Qual é segredo? Fazer o que está a ser pedido! Brillantemente e exatamente hoje! O que está a ser pedido não é por qualquer um, mas por aqueles quem tem o poder de decidir o destino dos homens. De outra forma, no topo poderão ser ou uma águia ou algum reptiliano.

É tão difícil se manter no topo da onda quanto chegar ao cume da montanha. Quero dizer que tanto hoje quanto no pasado isso não eram águas abertas mas baías como um refúgios para a alma. Entendível, o porquê. Porque apenas na solidão a Benção e a Providência se clarificam.

Há trezentos milhões de anos, duas placas tectônicas se separaram. Inteiro continente partiu... A América do Norte. Na borda do Velho Mundo, só é visível a fratura exposta da terra, a testemunha daquele deslocamento natural. Os cientistas dizem: “vão se juntar depois... Vão vire-se um pouco, mas certamente vão se juntar”. Mas quando? Dois centímetros por ano! Novamente milhões de anos? No entanto, se algo externo e muito poderoso será influenciar... Então tudo pode acontecer muito rapidamente. É verdade, neste caso, as placas, mesmo como as pessoas, não têm tempo de se habituar umas às outras e, será esfregando-se “dolorosamente”, serão formar as novas montanhas. Aqui, em algum lugar de Portugal, na planície costeira do baixo rio Tejo, é onde aparecerão...

O mundo é assim inventado. Tudo pode ser!

No outono, na costa do oceano, sente-se isso especialmente! Ao seu lado, um milagre está aparece. Vê-s mais longe e mais profundamente. A onda enfurecida e espumosa, aproximando-se da costa, se acalma e se espalha pela areia. Um fino véu de água desliza de volta para o oceano, como se deixasse na praia, como em um conto de fadas, uma espuma branca totalmente inofensiva e agora desnecessária. Por um momento, nuvens voadoras são vistas na areia molhada e os fracos raios do dia que se despede ainda têm tempo para brincar-los. As dunas e a superfície da água se estendem por muitos quilômetros ao longo da fratura exposta da terra. Antes do pôr do sol, elas fundem-se imperceptivelmente uma na outra e parece que você já está lá, bem longe, corres pelo caminho ainda cintilante no superfície do oceano atrás do sol a tentar mantê-lo.

O pôr do sol sem dúvida é o único fenômeno natural que permite ver o Tempo. Não apenas senti-lo como símbolo da chegada do Ano Novo ou de mais um aniversário, mas ver de fato. Além disso, ver de maneiras diferentes e cada um à sua maneira, sempre através de experiências pessoais, como uma obra de arte verdadeira. Claro, também existe o movimento do astro pelo céu... Mas aqui ainda não há aquela perda tangível, não há a tristeza natural pela dia que passa, pelo dar adeus ao Sol a passar além o horizonte...

A maior tristeza é sentir e, ainda mais ver o irreversível fluxo-lo do passado para o futuro. Todos os

pensamentos e sentimentos tristes não são nada em comparação com esta perda comum a todos. Eles simplesmente se apagam por uma emoção enorme, compartilhada por todos. Provavelmente é por isso que o escritor disse: “Quando você está triste, é bom assistir ao pôr do sol”.

O nascimento do sol é também bonito, pois o novo dia está apenas começa. E o Tempo é especialmente valorizado quando lhe é um pouco. Nunca chega – apenas parte!

Infelizmente! Mais cedo ou mais tarde, tudo o que queremos reter ou preservar oscila, se rompe, escorre pelos dedos. Mas é exatamente essa fragilidade impermanente que torna nossa vida tão extraordinária! Tão linda como o dia que está a terminá! Cada pôr do sol é lindo por a sua maneira única.

Embora já tenha dito por François Villon há meio milênio: “...Não foi inventada uma corda para conter a corrida dos momentos”, ainda queremos tanto parar o tempo e desfrutar da ilusão de sonhos ainda não dissipados!

De repente, voltei a lembrar-me a Ártico, a juventude, e a comovente trilha sonora de Aleksandr Zatsepin para o filme “A Tenda Vermelha”. Olhei à minha volta – não havia nenhuma borda de gelo fresco por perto, a bloquear o caminho de regresso a casa do Mar de Beaufort. Não há os picos nevados de Chukotka e Alasca, separados pelo Estreito de Bering com o rocha “O Adeus” no meio... Por algum motivo, ao lado da Lisboa, e não em Shepe-

toyka, que apareceu aquela mesma e “korchaguiniana” via férrea estreita! Estendendo-se ao longo de toda a costa. Estreitinha! Com uma única e solitária aparelho de mudança de via sob o número “13”. É como se alguém estivesse irrequieto, conduza os banhistas despreocupados para trás e para a frente ao longo da costa do continente, como um recordatório da tragédia “da deriva da natureza”... E que essa deriva não está apenas nas falésias costeiras, mas na alma de cada um.

* * *

Nós nem percebemos como caminhamos para algum precipício. Insaciavelmente aumentamos nossas exigências e diminuimos valores, lemos pouco e, comunicamos-nos com emojis e “ícones”, nos separamos uns dos outros, tememos amar e com muita frequência detestamos. Sabemos como sobreviver, mas não sabemos como viver. Não conseguimos manter o ritmo a realidade...

E Ela imediatamente põe tudo em seus devidos lugares com um tapa cruel. Eis que o Sistema Solar começa a sair da manga escura de nossa Galáxia para uma zona de outras energias. Explosões no Sol e tempestades magnéticas aceleram o “pulso do planeta” – ressonâncias de Schumann... Ao mesmo tempo, mudanças sociais abruptas e loucos acumulam em nós medo, mágoa e irritação. O quente da alma está apaga-se. Ela se torna pegajosas, parada, seu fôlego já não acompanha a “onda de Schumann” –

o “ritmo de vida” particular do planeta. E por isso a Terra lentamente, invisivelmente, mas inexoravelmente nos rejeita, levando-nos do sonho para o sono. Tornamo-nos excessivos e desamparados, como a espuma da ressaca desnecessária...

* * *

A urze a florescer aqui por todo o lado! E a floresta de coníferas, como em todos os lugares, igualmente úmido depois da chuva noturna. Este úmido que sai é mais visível à luz do sol, que perfuram os ramos densos dos abetos e dos pinheiros. Nasce, desaparece rapidamente, depois cobre novamente as longas agulhas verdes com um véu transparente. Sensação surpreendente! Tudo ao redor é delicado e vivo. Como se fosse aquele fôlego acelerado da Terra... E nas patas inferiores dos abetos há teias de aranha frágeis. Há muitas. Toque-as e se espalham em gotas cintilantes ao sol, borrifando as flores brilhante-lilás de urze.

Passará um ano, depois outro... O tempo levará consigo o bom e o mau, deixando apenas a espuma desnecessária na praia. No lugar do caule da urze arrancada brotarão novos rebentos, e a vida florescerá novamente com as cores das espessas inflorescências – lilás-rosadas, púrpura, brancas, douradas. Por enquanto... O rio fugaz da vida – um fluxo de perdas irreparáveis, prazeres transitórios, paixões arrefecidas – diante de nossos olhos se transforma em uma avalanche de existência com uma carácter,

profundidade e dramatismo. Como se a natureza própria disputasse com Schumann e Apollinaire...

Como o tempo voa rapido! Ainda ontem – “hoje” era “amanhã”...

No Natal, iremos com o cãozinho amado à praia do oceano até aquela mesma via férrea estreita. E, “para que não se sentir doesse agonizante pelos anos vividos sem propósito...” lembraremos o passado e dizemos adeus para mais um dia que passa.

Quantos sóis ficaram para trás, quantos dias!

As Últimas Gotas de Chuva

Historia

1.

Tudo está preto ao redor e cheio de estrelas cintilantes. Você está sozinho neste mundo fantástico, se dissolve nele, pode tocar as estrelas – basta estender a mão... E não há avião, há apenas você e a música. Ela soa no coração, fazendo você se lembrar, sonhar, pensar no Eterno... E somente quando de repente você cai em um buraco de ar, o som estri-dente do motor, que de repente zumbiu alto, lembra você da realidade. Onde o pequeno Cessna está caindo, as silhuetas escuras dos picos das montanhas começam a aparecer como se fossem reveladas em papel fotográfico.

As cintilações de luzes nos desfiladeiros e encostas, que por um momento pareciam imóveis, correm em nossa direção, e você entende claramente, sente com cada uma de suas células, que estas não são estrelas.

Em breve a noite passará e os contornos afiados do maciço do Monte Branco surgirão por cima da

névoa matinal brumosa. Cada reviravolta e descida derreter perigo aqui. A pista de aterragem é curta, estreita, desce em declive e começa bem próxima a um penhasco íngreme. E para para não colidir em alta velocidade direto com essa rocha, você precisa discernir tudo claramente e calcular com precisão. E não se consegue ver nada lá em baixo. Fortes correntes de ar arrancam pó de neve das encostas, que cobre o aeródromo densamente, brilhando, refletindo os raios de sol, e se agitando.

Agita-se, como se alguém desconhecido tivesse se esgueirado sob esse enorme cobertor branco, quem há pouco dormia tranquilamente bem na pista, mas agora de repente acordou e tenta a sair.

Cada um desses voos dá alegria. Picos das montanhas cobertas de neve contra um fundo dos campos verdes, floresta de folhas escuras, sopés das montanhas e o céu infinitamente azul! Mas não é apenas a beleza que te atrai para as nuvens vez após vez. O principal é o contraste entre o arroubo da natureza e a sensação aguda de perigo e risco.

Os Alpes com um aterragem em Courchevel, o voo sobre os Pireneus e finalmente Málaga já estão para trás. Hoje já se pode relaxar em alguma cidade próxima.

No inverno, Marbella está nublada e sem graça, mas o ar permanece quente e úmido. Entre os frouxos aglomerados de tomilho branco, não queimados pelo calor do verão, aqui e ali há hastes de lírio. Suas flores, como pássaros de conto de fadas

com um bico comprido, esticaram as cabeças com penas brilhantes espetadas em diferentes direções e olham ansiosamente para o fundo, guardando o silêncio da cidade resort.

De repente começa a chover, e um fluxo de ar desce das montanhas. Ele corre para baixo, passa entre os prédios dos hotéis brancos e altos. A orla marítima instantaneamente esvazia, e os aromas das flores desaparecem, e as pessoas que há pouco passeavam despreocupadamente ao longo do costa do mar se escondem nos cafés protegidos do vento. Esperavam a passagem de tempestade, eles observam com interesse as correntes do fontenário, que desaparecem inesperando, e em vez delas uma enorme nuvem de respingos de água flutua no ar.

No último ano, Anton havia crescido para amar esta pequena cidade e estava feliz por de repente acordar aqui novamente após uma semana tensa de voos diários da Suíça para a Espanha e de volta. Ele caminhava por uma rua íngreme e estreita na Cidade Velha, e seu olhar ora mirava o antigo prédio da Capela de Santiago, ora deslizava indiferente sobre os chapéus, casacos e cachecóis coloridos exibidos perto das portas de várias lojas. Laranjas maduras, apenas colhidas das árvores pelo vento, desciam desordenadamente pelo calçadão com estampado em direção à avenida, sob as rodas dos carros que passavam. Anton subia, em direção aos finos fiozinhos dos riachos, reluzindo prateados à luz das vitrines, e temia apenas uma coisa – escorregar acidentalmente ao pisar em uma laranja.

E de repente algo chamou Anton parar em uma das grandes janelas. Era uma cafeteria. Anton sentiu que um prazer se espalhava por suas veias pelo cheiro amargo de café, baunilha, amêndoas e massa de marzipã, com abundância de doces ornamentados de creme, pelos churros exalando calor. À espera a festa da gula, ele entrou neste paraíso de confeitaria e viu à direita, perto da janela, um grupo reunido em uma grande mesa.

Dois homens de idade respeitável discutiam algo com veemência. Três mulheres jovens com capas de xadrez iguais sobre os ombros estavam sentadas a conversar e a sorrir tranquilamente. Uma delas ajustou agilmente algo nas roupas de um pequeno garotinho brincalhão de cerca de cinco anos de idade, depois acenou ligeiramente com a mão... Anton reconheceria aquele gesto entre milhares...

Ali estava Katya.

2.

Eles se encontraram pela primeira vez cerca de dez anos atrás, na véspera de Ano Novo, na casa de campo de amigos em comum. Anton ficou encantado com Katya de imediato e, embora ela tivesse vindo com seu pretendente, algum homem de negócios, tentou não se afastar dela por um passo. Esguia, com traços finos e harmoniosos e grandes olhos castanho-claros, ela parecia sonhadora, tranquila e despreocupada ao mesmo tempo. Mas não da sua beleza externa, e sim algo inexplicável que

atraía Anton. Seja o movimento da mão, leve, quase imperceptível, como se estivesse espantando a insistência excessiva de alguém, ou as ocasionais notas baixinhas da sua voz, como as de um fumador ou de um resfriado, inesperadas, com uma agradável rouquidão aveludada. O olhar dela o agradava, cintilante de baixo dos longos cílios, que era ao mesmo tempo brincalhão, carinhoso e imodesto.

Os convidados estiveram a conhecer-se uns aos outros, beberiam algumas vezes pelo o Ano Velho e até conseguiram dançar, mas não tiveram tempo de abrir o champanhe quando os sinos do relógio bateram meia-noite. Primeiro, a rolha quebrou. Uma segunda garrafa, que aparentemente havia sido muito resfriada, simplesmente não queria se abrir. Então, esquecem-se de inventar desejos e de baterem flautas de vinho tinto simples, a companhia de repente se derramou da sala com lareira para a varanda decorada com cordões de lâmpadas a piscar. Os anfitriões chamaram os hóspedes para a margem da baía recentemente congelada para admirar o fogos de artifício festivo artesanal e o castelo de gelo criado por um artesão local.

No último dia do ano choveu o tempo todo e congelou só ao fim da tarde. A noite começava cair neve frisável. O castelo de gelo já tinha derretido um pouco, mas por isso ficou ainda mais bonito, e agora se parecia com as construções de Gaudi. O show de fogos em honra do Ano Novo que chegava não surpreendeu ninguém. Faíscas, barulho, chamadas

coloridas, algumas estrelas vermelhas e verdes decolaram para o alto, iluminaram o gelo, depois lentamente se apagaram e, tendo caído na neve, sibilou bem alto. Como isso, parece, o espetáculo tivesse acabado. As nuvens rolaram cobriram a lua cheia, e tudo ficou escuro. Alguém acendeu e distribuiu bengalas de fogo para os convidados, depois todos dispersaram-se por algum motivo para procurar invólucros de pirotécnicos não queimados.

A próxima salva de vários foguetes foi inesperada e ruidosa. Os cachorros dos donos da casa, que até então corriam alegremente atrás de uma bolinha pelo gelo coberto de neve, viraram os rabos e correram para Katya, escolheram de todos os convidados justamente ela para proteção. Eles andavam em volta dela, empurravam o focinho em seus joelhos, de modo que Katya, perdendo o equilíbrio, tropeçou, escorregou e caiu na neve macia. Ela gritou, o gorro de pele caiu de sua cabeça e seus cabelos se espalharam em volta do rosto. A bengala de fogo, deixava faíscas frias, caiu de sua mão e os cachorros, ainda mais assustados, viraram as caudas e fugiram para casa.

Em um instante, na penumbra, alguém se curvou sobre Katya. Brincando, ela se levantou ligeiramente e esticou os braços para cima. Na sua frente estava Anton. Tentando ajudar, ele se curvou, abraçou Katya pela cintura, a levantou-lhe a pes, mas depois escorregou ele mesmo, deixou-la cair em cima de si próprio. Surpresos, eles ficaram imóveis

por alguns momentos. Os cabelos longos com um aroma suave de lavanda roçavam agradavelmente o rosto de Anton, e de cima olhos largamente abertos o encaravam expectantes. Ele podia ouvir a respiração profunda, sentir com todo o corpo a proximidade sedutora de Katya e de repente começou a beijá-la. Temendo que esse momento fortuito e delicioso pudesse acabar, ele beijou rapidamente o pescoço, bochechas e olhos dela... E finalmente seus beijos quentes encontraram os lábios receptivos de Katya.

Um flash brilhante da próxima salva iluminou tudo ao redor e os separou instantaneamente. Algum tempo depois, aos gritos e uivos, parte genuínos e parte fingidos de admiração, a companhia voltou para dentro para continuar o banquete interrompido. Anton e Katya não conversaram sobre nada até a hora de ir embora. Observando-a, cada gesto, cada sorriso, Anton procurava e não encontrava algum sinal que só ele entendesse.

3.

Desde a infância ele se interessava por desporto, aeromodelismo e desejo apetência pelo risco, enquanto ela gostava de música, cantar, harmonia familiar e tranquilidade de espírito. Ambos haviam se formado na universidade dois anos antes, mas cada um com um diploma de economista. O futuro como cientista estava claro e determinado. E de repente, um precipício! O país deixou de existir. Como em um caleidoscópio, tudo girou ao redor:

a ciência desapareceu, os negócios nasceu e depois se desmoronou, o dinheiro aparecia e desaparecia, parceiros traíam e amigos estavam a afastar-se. Agora, apenas o dólar importava e apenas o sucesso era interessante.

De repente, um produtor musical famoso apareceu e puxou Katya para uma vida completamente diferente: música, canções em inglês, fãs, bom dinheiro de festas corporativas caras, turnês no exterior com shows. O público enlouquecia com ela, tão ágil, flexível e atraente. Todos eram cativados por sua voz quente, densa e de tom grave, de alguma forma semelhante à de Tanita Tikaram. As pessoas ouviam Katya, admiravam-na e isso lhe dava prazer. Claro, ela entendia que tal carreira era uma questão de sorte, muito dependia de seu relacionamento com o produtor, e além disso, esse era o show business – basta olhar torto e tudo acaba!

Anton também de repente sentiu que estava perdendo algo verdadeiramente importante na vida. Estalou-se e mergulhou na poesia, começou a aprender francês e depois, como em um vácuo, foi sugado pelo céu. Logo, seus pais faleceram em um acidente de carro e ele ficou completamente sozinho. Precisava de dinheiro, então, como um bom economista, Anton começou a fabricar os bons planos de negócios. Alguns deles foram implementados com sucesso e então os empresários recompensariam ao seu salvador os carros usados e viagens ao exterior. Deste maná celestial ele juntou uma boa quantia em dinheiro e

foi para a Áustria a convite. Lá Anton foi contratado por uma pequena companhia aérea. O contrataram porque ele tinha certificado de piloto da Escola Internacional de Aviação de Vilnius, cerca de 200 horas de voo em um monomotor e – o mais importante – era amigo do filho do presidente da empresa.

4.

Katya e Anton viviam suas próprias vidas, muitas vezes distantes por longos períodos. Apesar do final estranhamente peculiar de seu primeiro encontro, houve o segundo, depois o terceiro... Eles tentavam se proteger das mil trivialidades da vida monótona, de tudo o que era carga, distração e risco, a fim de experimentar novamente e novamente um sentimento forte, semelhante ao amor à primeira vista.

Sempre que Anton retornava à sua cidade natal, após vários meses de ausência, caminhava pelas ruas semidesértas do centro pela manhã, passava pelo Mercado dos Ferreiros tradicional ainda fechado, admirava a capela recém-restaurada, onde uma lâmpadinha já estava acesa, e vinha ao pátio familiar. Entre as janelas estreitas do terceiro andar da velha casa havia duas janelas de Katya. Escondido atrás da pilha de pneus no parque infantil, ele olhava para elas por muito tempo, tentar em vão ver a sua silhueta. Claro, ele poderia subir e tocar a campainha! Mas Anton não queria. Katya sempre foi cortejada por homens do show business, músicos, poetas, produtores. Ele sabia disso, vira os pre-

tendentes dela várias vezes, embora nunca sentisse ciúmes. Afinal, ele também tinha relacionamentos parecidos. Portanto, ficava parado em frente à casa de Katya, ele sempre esperava. Esperava que a luz na janela se apagasse e que ela saísse.

Se ela saía do prédio sozinha, ele se escondia e caminhava atrás dela por algum tempo. Às vezes, árvores ou algum trólebus desajeitado escondiam a figura dela dele. Com medo de que ela tivesse desaparecido ou virado numa pista, ele se apressava em passar pelo obstáculo angustiante e, vendo Katya novamente, parava aliviado para respirar. Assim continuava por muito tempo, até que de repente uma oportunidade surgia para que ele a contornasse habilmente e imperceptivelmente, e depois, encontrando-a face a face, retratava um homem ocupado, como se nada tivesse acontecido e dizer de uma forma divertida e embaraçada:

“Kátia! É es tu? Olá...”

Ela deixava tudo de lado, e eles iam de comboio para fora da cidade, para a margem de um riacho tranquilo escondido pelos arbustos de amoreira. Às vezes, simplesmente vagavam pela floresta. Era um vez, atrás de um brilhante conjunto de flores silvestres, um enorme campo amarelo-cinza se abriu para eles. Esgueirar-se para o meio da situação, Kátia e Anton ficaram deitados lá, na terra quente, por muito, muito tempo. E não existia nada neste mundo para Kátia, exceto as suas mãos delicadas, e para ele – os macios cabelos de Kátia perto de seu rosto.

Depois, eles olharam para o céu em silêncio, e através das nuvens espreitava um azul brilhante de outono. Ele foi atravessado por um longo e fino fio branco – o rastro de um avião a jato. De repente, este fio se partiu, e no alto do céu ouviu-se um aplauo... Kátia estremeceu, olhou ansiosamente para Anton e apertou firmemente sua mão... Ao redor deles havia apenas uma floresta contínua de hastes de trigo já amareladas, balançando preguiçosamente seus grãos maduros na leve brisa, e raros centáureas, tão brilhantes quanto o céu... E no céu, deixando para trás sua habitual estela branca, o ponto brilhante ao sol continuou se mover um ponto.

5.

Eles não se viam há quase um ano. Katia, junto com o conjunto, voou na semana de Natal para Vancouver. Três dias de shows, mais três de descanso, depois Calgary, Toronto e Montreal. Anton, naquela época, já voava há seis meses ao longo da costa atlântica, da Califórnia a Vancouver, prestava serviços a empresas charter. E eis que ele teve uma semana de folga na Colúmbia Britânica nevada.

Olhando por acaso para um cartaz, Anton viu o nome de um grupo musical russo e um sobrenome familiar. Sentimentos incomparáveis de repente reviveram, encheram sua alma, tomaram conta e não o deixavam mais. Obedecendo ao chamado do coração, atravessou a pé toda a cidade em direção ao Teatro da Rainha Elizabeth.

A tournée estava a chegar ao fim, e aquele era o último dia. Anton entrou nos bastidores, vagou longamente entre as coxias, os instalações de armazenamento, os “bolsos” com cenários descuidadamente espalhados, até chegarem ao corredor estreito com os camarins e lá, finalmente, encontrou Katia. Ela estava sentada em uma cadeira em frente a um grande espelho em uma moldura de madeira artesanal, e com movimentos leves, inerentes só dela, como se estivesse a afastar alguém, tirava a maquiagem com lenços úmidos. Na mesa, no chão, no sofá junto à parede, havia flores por todo o lado...

“Kátia! É es tu? Olá...” – Anton sussurrou baixinho como uma senha. Ela estremeceu.

E depois veio a noite. E para eles aquela noite foi como a primeira...

O amanhecer estava apenas a começar. Katia olhou para Anton. As cabeleiras soltas no cimo da cabeça davam-lhe um ar infantil e o seu rosto parecia tão querido que me apetecia acariciar os seus olhos fechados, passar a palma da mão pelas suas faces não barbeadas, tocar ombros musculosos...

Sim, ela se apaixonou por Anton desde o momento em que viu seus olhos cinzentos, que faz lembrar a chuva de outono. E aqueles cílios longos! Pestanejaram com tanta cócegas durante o seu beijo não deliberado. Mas como ele era tímido naquela época! Anton, caído na neve ao lado de Katia, deitava e esperava alguma coisa. Um único instante, mas para Katia pareceram séculos inteiros. Estranho,

ela esqueceu depois disso. Agora se lembrou. Lembrou-se de sua pequena cicatriz quase imperceptível na bochecha. Ele contou que foi por ter batido no vidro partido do cockpit durante uma aterragem falhada. Katia notou essa cicatriz imediatamente e até queria tocá-la com os lábios... Mas os fogos de artifício! Começou tudo com eles... e terminou.

Katya saiu da fluxo de recordações, levantou-se e, embrulhada num cobertor, foi até à janela. A neve espessa caiu em enormes flocos brancos. As luzes amarelas dos candeeiros de rua ainda estavam acesas, e faz lembrar a noite agitada que ficara para trás. Este amanhecer foi de alguma forma especial e dava esperança. Fica na pontas dos pés, Katya abriu a janela e, estendia a palmas da mão, começou a pegar flocos de neve. Parecia que enquanto não derretessem, ela teria tempo de fazer um desejo. Mas os flocos de neve derreteram-se na sua palma quente, e viravam gotas... “Como rápido tudo passa!”, pensou Katia de repente, e lágrimas inesperadamente começaram a rolar por seus olhos.

Anton acordou, aproximou-se beijando sua nuca, tentou olhar seu rosto, mas ela virava o rosto – não queria que ele visse aquelas lágrimas. Então Anton pegou Katia pelos ombros, virou seu rosto para ele e começou a beijá-la. Seus lábios delicadamente enxugavam das bochechas e cílios dela as gotas de lágrimas. O cobertor leve deslizou lentamente para baixo e escorregou, expondo o ombro delicado, o seio branco e a pele bronzeada e aveludada da coxa

que atraía... Seus braços apertaram firmemente a cintura de Katia e ele sussurrou: “Estarei sempre contigo...”. O calor dessas palavras fazia estremecer cada célula do corpo dela e, para que aquele momento durasse para sempre, dava vontade de parar de respirar... Até o paraíso para ela seria assim, nevado, com a enorme lua ainda não apagada no céu nublado da manhã – simplesmente ficar de pé assim, ao lado da janela e olhar a neve.

Eles não deixaram aquela moradia, que Anton sempre alugava quando voava para a cidade, por dois dias. Dois dias quase não comeram, não pensaram em nada, mas ela sonhava... E eis que chegou a última manhã. Katya estava a voar pela primeira vez na sua vida no cockpit de um avião. Ah, como queria mergulhar naquela imensidão azul, que tantas vezes olhara para seu Anton! Tocar com as próprias suas mãos os nuvens, vê o sol mais perto! O “Cessna” de brinquedo subia suavemente para o céu.

Lá em baixo, as estradas se retorciam como finos fios pretos no chão coberto de neve, e casas coloridas, parecidas com bonecas, passavam a piscar.

E o céu, o céu!... O céu dele, que se tornara agora tão próximo e querido para ela... Eis uma bolsa de ar – e por segundos o pulso e os batimentos cardíacos aceleraram inconscientemente. Medo? Nem por isso! Ela sabia que havia algo maior do que motores e leis aerodinâmicas. E esse algo maior era o seu amor por Anton, pelo céu dele, pelo avião dele, pela vida própria. Ela compreendia que a alegria

que buscava em Anton não residia só nele, mas respira à sua volta, e que o amor deles não era só uma série de encontros casuais...

Naquela manhã Anton sentiu pela primeira vez que sem Katia, sem cada dia ao lado dela, não poderia viver. Não poderia, como antes, voar, sonhar, sentir... A sua única propriedade – o céu infinito com que sonhara desde criança – desaparece gradualmente, deixá-lo sozinho com a Katya. Ele entendeu que o amor deles era especial e embora, como uma fonte pulsante, aparece e depois desaparece, e é fresco, como uma primavera.

Hoje vira como algumas outras forças se intrometem na felicidade deles, levando-os para lados opostos. Para Katia, pensava Anton, a carreira de atriz era só uma aspiração temporária, o pano de fundo dos encontros fugazes deles. A paixão dele era o ofício em que se empenhava. Dava-lhe dinheiro, permitia manter o estilo de vida habitual, viajar, amar Katia... Para Anton, perder a possibilidade de voar equivalia a perder-se a si mesmo. E a vida familiar em plena harmonia de sentimentos e tranquilidade de espírito não era de todo aquilo a que sempre aspirara. Mas havia ainda outra razão. No vivo panorama da sua profissão heroica mal se nota – não sabia ele fazer escolhas em situações complexas da vida. Não no seu trabalho diário, onde há perigo iminente! Mas onde não há tal risco.

Para ambos cada um encontro era uma festa. E hoje coincidira com os fogos de Natal promovidos

pelas autoridades locais. Na expectativa do espetáculo colorido, a multidão ajuntava-se ao longo da margem. Barcos e iates enchiam lentamente a baía. Avançavam em fluxo compacto da esquerda por um canal estreito, como carros numa avenida congestionada. Só a luz vermelha das lanternas traseiras via à noite. No céu em volta da barçaça donde eram lançados os fogos, à espera do espetáculo, pairavam pequenos aviões.

Rebentaram as primeiras descargas de fogo de artifício, a música começou a soar na superfície do mar, e os seus sons pareciam enfeitiçados, começou a penetrar na alma de Anton, ao fazê-lo ver o passado e o futuro ao mesmo tempo. Eis o sussurro de um campo de trigo banhado pelo sol, cortado por finos fios de violetas azuis, eis o rumor das folhas da acácia. Depois esta música maravilhosa penetra mais fundo, e já sob a polifonia oculta da fuga uma linha melódica se divide em duas... No alto do céu acendem-se esferas multicores. Os seus luzes cintilantes espalham-se como penugem de dente-de-leão, fundem-se de novo e já sob a forma de dois enormes universos torcidos, ao som inquietante e penetrante dos violinos, se dirigem em sentidos opostos...

No dia seguinte Katia partiu.

6.

Continuavam as turnês pelo Canadá. Katia cantava, dançava, mudava de cidades, cantava de novo

e só à noite, quando os efeitos narcóticos da cena pararam, as mesmas perguntas começavam a atormentá-la, não a deixar a dormir. Por que se encontraram, tão diferentes? Porque é que apaixonámos um pelo outro? Ele nos céu, ela na terra. Ele sozinho, a sós com suas estrelas, ela – sempre no meio dos espectadores e fãs. Como se partículas de cargas opostas se atraíssem, colidissem por acaso, e depois nenhuma força parecia poder separá-los. Mas para onde colocar essa tristeza que pouco a pouco já se acumulava na alma pelos encontros repetidos, aparentemente felizes e despreocupados, mas na verdade tão sem esperança? Poderia Anton deixar os céu? Ela sempre sofria com essas dúvidas quando eles separavam, queria entender o que viria depois, como viver amanhã, depois de amanhã...

No fim das turnês, teve um sonho. Como se Anton dirigisse para algum lugar de carro e ela, completamente encharcada pela chuva torrencial, muito tempo corresse ao lado, agitava os braços, batia na janela... Mas depois o carro baixou a velocidade e, ao encostar-se a uma árvore, parou... Ela também para... O vidro não abaixa, a porta não abre. Não dá para entrar no carro. Ninguém está a sair... E não dá para distinguir quem está lá dentro. Ela continua a permanecer imóvel e em um momento certo de repente entende que Anton não está lá. Morreu, se acidentou, faleceu!... Acordar com o meu próprio choro, Katia sentiu uma dor insuportável de perceber que tudo acabou e jamais seria possível vê-lo

de novo, dizer o que queria dizer... Derramando sobre a borda da alma, a dor ofuscava olhos com lágrimas amargas e demorava a passar... uma dor grata – pois Anton esteve em sua vida!

Depois do encontro em Vancouver se passou um ano, depois mais dois e mais... Ela tem um filho, casou-se, abandonou o canto, mudou-se para outra cidade... Cada vez mais os sentimentos complicados por Anton eram substituídos por pensamentos límpidos, e os argumentos antigos de seus pais a favor de uma vida completamente diferente pareciam cada vez mais lógicos e convincentes.

“Muitos gostam da chuva – dizia Katia para si mesma. – Ela bate no telhado e esse som agradável e tranquilizador imperceptivelmente faz sonhar, pensar no futuro, lembrar o passado... É um prazer? Provavelmente é. Mas eu nunca entendi isso. Não se pode sair à chuva quando se é criança, fica mais velha – de novo complicações – a maquiagem borra...” Claro, Katia reconhecia que a chuva alimenta a terra e limpa a vida. Quando ele se for, por favor floresçam, cantem, dancem. Mas estar sempre sob a chuva? E se há algo para amar nessa chuva é somente porque ela termina de qualquer jeito... ou vira neve.

Assim como com Anton, seus olhos cinza-escuros lembram uma chuva outonal... É difícil deixar uma pessoa com quem foi feliz. Mas cada vez que se separava dele, ela sentia e compreendia cada vez mais que poderia se deparar com uma perda real.

E se esse mundo frágil e feliz um dia rachasse e se espatifasse? Não haveria família, casa própria, filhos... E depois nenhuma cena pode dar uma sensação de equilíbrio mental.

* * *

Ao ver Katia no café, Anton rapidamente desviou o olhar e deixou o salão. Pensamentos insólitos e perturbadores apertavam-me a cabeça. Como o Homem Anfíbio que, ao encontrar o amor uma vez e mergulhar naquele sentimento profundo, até então desconhecido mas ainda assim terrestre, Anton já não podia mais, como antes, pairar livremente no ar, entregando-se completamente somente àquele estado mágico da alma. Precisava fazer uma escolha e não conseguia, não sabia. Ou já havia feito sua escolha?

Ele caminhava pelas ruas de Marbella oposto aos raios de sol que partiam, olhava para os rostos dos transeuntes, memorizava os seus sorrisos, gestos, movimentos. A vida normal decorria por todo o lado, os passantes passeavam despreocupadamente, os casais abraçavam-se, as crianças sopravam bolas de sabão e depois saltavam para cima e para baixo tentando apanhar essas bolas que brilhavam com todas as cores do arco-íris...

7.

Passou-se mais um ano. Katia passeava com o filho no parque. Ficava cada vez mais escuro e quando

já estavam indo embora, começou a cair um aguaceiro forte. Nas proximidades ribombou uma carruagem de elétrico. Em fuga do mau tempo, saltaram pelas portas que se abriam e sentaram-se no lugar vazio. Um senhor de cabelos grisalhos, de sobretudo e com uma bengala de madeira, sentou-se à frente deles e leu um jornal desdobrado. Os olhos de Katina dirigiram-se maquinalmente para as páginas imensas. Embaixo à direita, em algum lugar sob a mão do senhor, via-se uma fotografia em preto e branco. “Anton! Ali está seu rosto...”, – Sentiu uma pancada rápida e forte no peito, tudo à sua volta rodopiou e começou a desaparecer por detrás de uma espécie de véu, e Katya já não conseguia distinguir o que se movia: se o carruagem de elétrico ou as silhuetas negras das pessoas à sua volta, onde ela está e onde está o seu filho... Apertou a mão da criança com força, passou a palma da mão suavemente sobre o tufo rebelde no cimo da sua cabeça e, ao esconder o rosto, virou-se para a janela. Katya pôs os braços à volta dos ombros do filho, e regressou mentalmente, uma e outra vez, à feliz manhã gelada de Vancouver...

O velho carruagem de elétrico retumbava pela rua. A primeira neve arrancava das árvores as folhas que ainda não haviam caído. O vento as apanhava, eles correram e derrubaram as últimas gotas de chuva tremulando no vidro.

O salão de cabeleireiro em frente

Essay

Nesta bela cidade que é Céret, eu com o meu cãozinho Masik encontramos um maravilhoso salão de beleza, o “Coiffure Martine”! Aqui é “sem hora marcada” e aperceber-se-iam imediatamente, bastava-lhes desnudar a cabeça. E finalmente cortei o cabelo e falei “francês” sobre tudo...

Olho-me ao espelho, e parece que – algures no passado, e um sorriso ligeiramente perceptível não sai do meu rosto... É isso que acontece quando se pensa apenas em sorrir. Gostaria de levantar a mão e, com um ligeiro movimento dos dedos, cumprimentar e acompanhar imediatamente o Passado... O trabalho árduo dos anos 80 para o bem de todos... O terror dos anos 90 e 2000... Negócios falsos, dinheiro, assaltos e mais dinheiro... A morte de meus contemporâneos... Todos os dias, é como se estivéssemos num campo solarengo cheio de brinquedos coloridos... Enquanto a artilharia de alguém bombardeia incansavelmente o alvo. Queda curta, queda longa... Queda curta, queda longa...

E não é de todo estranho ou doloroso apercebermo-nos disso: o que antes era tudo para ti, ficou para trás... Não gostaria de ser vinte ou trinta anos mais novo por nada deste mundo! Agora sou muito mais feliz. Sei exatamente o que preciso e sem o que posso viver. E sem o que não!

É preciso partir na hora certa! Sair do passado, dos pensamentos obscuros e memórias amargas, relacionamentos esgotados e pessoas que o destroem-vos. Lembrar – sim! Mas não se dissolver neles. Com frequência esquecemos que ninguém nos pertence. Nem nossos maridos ou esposas, nem filhos ou netos, nem amigos ou amantes... Só podemos compartilhar algo com eles. Em contrapartida, sofremos vez após vez quando não temos algo que desejamos. Quando não recebemos algo de que estávamos à espera. Raramente pensamos naquilo de que o Destino nos salvou ao não nos dar o que queremos agora. Tudo vem e parte na hora certa! Até os milagres.

“E o sol não se levanta, mas esforça-se por subir, // por alguma razão sinto falta da terra. // Agora creio em milagres, // Ansioso me lanço aos céus...”
(Robert Rozdestvensky).

Se tiveres a sorte e isso aconteceu, é muito provável que tenha reconhecido a si mesmo! Estás em harmonia com o mundo ao seu redor e, o que é ainda mais importante, consigo mesmo! E não adianta procurar isso lá fora. Isso vem de dentro. É algo que só pode existir no seu coração. Não é um novo tra-

balho, nem um novo carro ou um novo casamento. A harmonia é a paz na alma e começa em si. Tens de ser tu próprio Com os seus defeitos e fraquezas, com a sua visão do mundo e os seus valores. Ser feliz consigo. Pelo menos porque é a relação mais longa o que tu tens.

E mais: é tolice esperar que chegue um tempo em que as coisas fiquem mais fáceis, melhores... O tempo não vem, apenas só parte embora. É preciso aprender a ser feliz agora! “Ver o mundo inteiro numa única partícula de areia e o Universo por inteiro numa folha da relva! Conter a infinitude nas palmas das mãos. E no momento efémero, a eternidade!” (William Blake).

Bem, pronto! Cortei o cabelo...

Pressentimento

Essay

Hoje saímos para passear tarde. Fomos direto para a praça Molière. Está tranquilo lá, não tem ninguém neste horário. Sentamos no banco, eu e o Masikm, e começo a ler para ele monólogos de Le Cid e de Figaro. Costumando-o à melodia do verso francês... Graças a Deus não tem nenhuma rua por perto com o nome de Corneille, Beaumarchais ou outro.

De repente, da travessa Charles Perrault, como em um conto de fadas, sai uma moça com um cachorrinho. Meu companheiro não dá a mínima! Nenhum desejo de demonstrar qualquer preocupação. Totalmente absorvido na literatura. O cachorrinho, também um Jack Russell, se aproxima, balançando o rabinho... “Bem, isso já é demais!”, pensou o Masikm, ficando em pé em suas patinhas curtas, “Estou apreciando arte, entende, e esta aqui... Au au! – latiu alto e repetiu de modo bastante definitivo: au au...”

– Toja, Pour moi! Não insista!

– C'est joli! – foi tudo o que consegui dizer, ouvindo aquela mistura incomum de francês com russo e, pressentindo a sorte, comecei a sonhar: “Depois, por pura chatice, vamos ter com quem conversar. Pode virar um bom Essay! Assim, reviravoltas inocentes dos sentimentos...”

A moça com “meu” cachecol cor de camuflado, um casaquinho curto branquíssimo, madeixas douradas emoldurando os ombros, de relance, pestanejando, olhou para nós e logo se afastou. Depois, agachou-se e começou a cutucar o filhote. Continuando o jogo com o cachorro, levantou-se, bateu palmas, o filhote se virou no chão e correu para o lado. A delicada morena também correu, virou-se por um instante, lançou um sorriso para a bolinha viva que mal conseguia acompanhá-la, depois para o Masikm e, como Cinderela, desapareceu tão rápido quanto havia aparecido...

Deve ter se perdido em algum dos pátios da rua Michel de Montaigne, o maior ensaísta de todos os tempos e povos. Foi ele quem primeiro, antes de mim, tentou falar sobre tudo e nada ao mesmo tempo, sem ter previamente um tema, gênero ou ideia, mas experimentando a si mesmo ora em um, ora em outro, ora em um terceiro.

Portugal. Primeiras impressões

Essay

Chegámos aqui após onze horas de carro, com quatro paragens de dez minutos para o nosso cãozinho Masik... Bem, e também, claro para reabastecimento. Quando paisagens urbanas passam à nossa janela durante tempo demasiado, todo o tipo de lixo permanece na memória. Aqui está uma dessas. Quando se vai de Perpignan para Lisboa via Barcelona, ao longo da costa do mar Mediterrâneo, frequentemente ao longo da autoestrada encontra-se balcão de portagem. Se tiver um transponder no parabrisas, passas sem problemas – a barreira levanta-se automaticamente. Aproxima-se dela e espera três ou quatro segundos até que a automação funcione. Isso na França. Na Espanha é diferente – não precisa parar. As barreiras devem “ver de longe” e reagem instantaneamente. Em Portugal, nem sequer existem! A menos que tenha o selo Viaverde no parabrisas. Caso contrário, hão de encontrá-lo e multá-lo. A multa é dez vezes o valor da passagem! Lindo! Para que precisa de uma barreira? Deixe que

passem! Pagaremos a passagem depois. Perto de São Petersburgo, nas estradas com portagem, a “caixa” vendia cartões de plástico. Dava-lhe uma certa quantia que ela guardava. Aproximava-se e entregava o cartão na janela, onde cobravam a passagem e a barreira abria. O que é interessante? O dinheiro acumulado durante o dia é controlado pelo número de vezes que a barreira é levantada. Isso é compreensível. Mas depois, como roubar? Lembro-me que sempre me questionei sobre isso. Aparentemente, é incrivelmente simples! Só percebe quando lhe acontece! Entrega o seu cartão na janela, com dez passagens pré-pagas, e recebe de volta um cartão completamente diferente, sem nenhum dinheiro...

* * *

A “Comarovo” [estância balnear nos arredores de São Petersburgo] de Lisboa é a cidade de Verdizela. Fica a trinta minutos de Lisboa. Na praia há areia, as ondas rugem. Existem em várias formas. Algumas apropriadas para surfe. Um pouco mais longe da praia encontra-se um penhasco de areia – falha mais antiga do continente. No topo há pinheiros. Só pinheiros... Ocasionalmente vê-se uma solitária palmeira plantada por alguém naquela floresta estranha... E a três quilómetros da costa estão as casinhas simpáticas de Verdizela.

Há duas maneiras de ir de Lisboa até Verdizela. Uma dura trinta minutos – pela Ponte 25 de Abril (25 de abril de 1974 – Revolução dos Cravos).

Parece a ponte que liga São Francisco a Oakland. Suponho que porque foi construída pela mesma empresa. A outra, ligeiramente mais longa, é pela ponte mais longa da Europa – a Ponte Vasco da Gama. Ambas atravessam a baía de Lisboa – a foz do rio Tejo. A primeira fica à esquerda da cidade, e a segunda à direita. A “Nevsky Avenue” [avenida mais elegante de São Petersburgo] de Lisboa é a Avenida da Liberdade. Está inteiramente à sombra de plátanos enormes. Os passeios são largos, tais como em Barcelona. As calçadas portuguesas em preto e branco serpenteiam por todas as calçadas. Nunca vi nada igual. Talvez no Rio de Janeiro. Ali, o passeio à beira-mar ao longo de Capacabana é revestido na maneira de “ondas” portuguesas. E também em Marbella. No entanto, os pavimentos nesta cidade turística espanhola, apesar de bonita, mais é diferente tanto na cor como no padrão. Atravessei o “Nevsky” e, naturalmente, dirigi-me à “Praça do Palácio” local. Aliás, existe uma – Praça do Comércio. Antes chamava-se mesmo “Praça do Palácio”. Foi aqui que o rei D. Manuel I mandou construir o Palácio da Ribeira em ano de 1500. Na mesma ocasião, ordenou que as ruas fossem pavimentadas com calçada.

O terramoto de 1755 destruiu tudo. O rei José I reconstruiu o que pôde... Claro, sem o palácio. Ainda hoje algo está em obras nesta praça, incluindo as calçadas. Então, hum ... a areia é densa. Mas o monumento de José está lá. E a praça voltou a ser

chamada de “Praça do Palácio”. Nesta mesma praça, aliás, o penúltimo rei de Portugal, Carlos I, foi assassinado em 1908. E apenas dois anos depois, a monarquia foi derrubada... O mesmo Partido Republicano que atirou em Carlos I. Logo no ano seguinte, este partido transformou-se no Partido Democrático, que por sua vez deixou de existir em 1925. Como é sempre no caso em épocas de grandes mudanças...

* * *

As mulheres... São, na mesma como em Espanha, baixinhas e em alguns aspectos, muito semelhantes entre si. O cabelo escuro, luxuoso e lustroso, sem qualquer ficção especial de penteado, cintila ao redor, cria um fundo quase contínuo. Não usam maquilhagem, ao que me parece. Roupas simples de cores branco-acinzentado ou escuro, e sem qualquer acento colorido, independentemente da classe social... Um vestido, e mais do que, um vestido é alongado, ou saltos!? Não é aqui! Pelo menos não no centro de Lisboa.

Parece que os mosaicos do pavimento não o permitem. Não se consegue adivinhar pelo está a atender se uma senhora é casada ou não; é o mesmo para toda a gente, “señora”. Na França é diferente. E ninguém se importa! Os homens... Como em Espanha na mesma. Estes parecem mais atraentes do que as mulheres locais. Vestem-se com cores mais vivas; são altos... É verdade que a barba espagno-

le é menos comum do que num país vizinho. Em comum, os homens locais são mais calmos e, enquanto bebem café, não falam ao mesmo tempo. Não são tão apaixonados como os espanhóis, mas românticos... Os olhos também cintilam, mas já com um brilho intrigante e, como que, ligeiramente tantalizante... Bem, eles não vão com cães à revolução catalã! Não sei porquê, mas li algures que, ao contrário de outros colonizadores, os portugueses assimilaram-se com a população das suas colónias. Presumivelmente de onde vêm as suas peles mais escuras, a certa semelhança com os indianos e menos com os africanos... Sente-se mais a influência dos árabes que conquistaram o país no século VII. Mas também há olhos azuis e cabelos louros. Uma espécie de substrato germânico trazido para cá nos séculos V ou VI. Penso que no norte, no Porto, deve haver ainda mais... Vamos ver. Vamos estudar.

A língua lembra o romantismo da juventude... 1971, Dan Spătaru, “Canções do Mar”... “Vou afinar a minha guitarra”... Em romeno: “Voi accorde chitare”... Que soa quase a português: “Vou afinar guitarra...” E este “u” por todo o lado !!!

* * *

O que pode haver de novo aqui? No ano passado, em França, em Sète, em outubro-novembro, o vento tramontana... 90 quilômetros por hora. Os carros na autoestrada saltam como pulgas. Aqui, sob Lisboa, hoje há nível vermelho de perigo –

o furacão “Leslie” se aproxima. Dizem que chegará à meia-noite e continuará até as cinco da manhã. O vento será de 120 quilômetros por hora.

Encontrámos velas, fósforos, enchemos a água, fechámos as comportas de todas as janelas, reparámos a lanterna, carregamos os telefones... Sentamos para assistir TV e beber um tinto...

No fim da tarde, o vento estava certamente a soprar. Mas não a 120 km/h! A chuva também era inadequada. Certamente não o suficiente para que a relva amarelada ficasse verde novamente. Esperei por essa “Leslie” e adormeci. Acordei. Não há vento, nem chuva. Ouço um avião a passar, depois outro... Pensei, talvez seja a defesa civil local indo salvar a população. Olhei para trás... Masik está a dormir docemente com as patas estendidas. Olhei pela janela... Céu limpo. Bem, o oceano ainda rugia. Enfim, em Manole o outono será mais agitado. E a Tramontana catalã é mais apaixonante. Enchi as panelas com água para nada! Bem, pelo menos a lanterna está reparada...

Procurei na internet sobre essa “Leslie”. Parece que todos engoliram a língua ou se afogaram com a inundação. Tudo o que encontrei tem dez horas de idade. Lembrei-me do passado, quando as notícias eram entregues em uma gaiola de ferro. Quem o furacão realmente atingiu foi a internet. É como se Portugal inteiro, tal como eu, tivesse adormecido nessa noite não com uma Leslie, mas com um nível de “perigo vermelho” nos braços.

* * *

“Leslie” entrou em Portugal ontem às 22:10, a cem quilômetros ao norte da nossa cidade. Em Figueira da Foz 27 feridos, 61 ficaram sem casa, 300 mil sem eletricidade, 1.218 árvores caíram. Nesta zona registou-se a mais forte velocidade do vento, com 176 quilômetros por hora...

* * *

Recentemente visitei o aeroporto local. Digitei no GPS “parque de estacionamento do aeroporto” e carreguei no acelerador com entusiasmo. Estou a entrar em Lisboa e começaram imediatamente os engarrafamentos. Parado, quase não nos movemos. Ouço buzinar atrás. “Por que buzina? Idiotas?” – resmunguei para mim como de costume. De repente, pá! Parece que bati no carro que vinha atrás... Com certeza! Mas não foi forte... Todos começaram a se mover e eu também. Por quê não? A culpa é sempre de quem vem atrás. Deixe-o provar que eu sou um idiota, eu recuei com marcha-atrás. Tem que manter distância!

De qualquer forma, relaxado, olhei em volta, tentava ler os nomes das lojas... Não notei logo que subíamos com devagar um morro... E meu carro é especial. Há o neutro, a marcha-atrás e o avanço. Se quiser parar, à vontade! Quando se desliga o motor, começa fazer um barulho e proponha para por o travão de mão. Em resumo, quando paramos no morro no engarrafamento, o carro começou com

pouco a pouco descer para baixo. Ainda faltava bloquear todo o trânsito e começar a explicar: “O que foi, como foi?” Enfim o Google diz: “Você chegou em...” Parece o centro da cidade... Qual é o aeroporto aqui!? E o estacionamento estranho, portão fechado... Afinal, trata-se de um hotel de aeroporto para todo o tipo de passageiros desfavorecidos e não é o aeroporto proprio!

E o que fazer agora? Digitei simplesmente, sem rodeios, uma palavra: “aeroporto”. O Google escreve: “É uma viagem de 10 minutos”. Após cerca de sete minutos, o “aviãozinho” desejado começou finalmente aparecer... A primeira vez que tentei entrar num parque de estacionamento fechado, tive um erro. Parei ao lado da entrada com a placa “partidas”... Mas tinha a letra P. E sem outras letrinhas como “só pessoal” ou “só motores a gás”, como no maior shopping center da Europa, o “Almada Fórum”. Saí, olhei em volta. É algum lugar uma entrada para um estacionamento fechado? Não é? Mas onde? Já que não entrei de primeira, nada de insistir! Entrei, descobri onde se encontram, onde se despacham. Pronto! Satisfeito comigo mesmo, entro no meu carro, dirijo-me para a barreira, coloco o bilhete, acho que estava no parque de estacionamento há menos de quinze minutos. Não levantara-se, caramba! Primeiro lembrei que na França precisa esperar cinco segundos... Mas isso é Portugal! Volto marcha atrás. Hoje já estou acostumado ir a marcha atrás! Estão a buzinar, e eu não quero saber. Se quiser, posso ficar aqui e ir pagar a qualquer outro

lado. Em São Petersburgo fazem isso com frequência, aumentando o tempo dos outros no local. Mas isso é insolência! Confiante, “empurrei” todos que estavam atrás, virei bruscamente à esquerda na calçada e parei noutra lugar. Bem na calçada e de frente a uma janelinha brilhante de uma cabine. Sem desligar o motor, fui lá, abri a janelinha e digo: “Onde se paga aqui?” – e estou a pôr um bilhete na janela. O rapaz em bom francês responde gentil: “Um euro, por favor”. Pago... Não é que choro de felicidade, é que dou o dinheiro, sento no carro, entro de novo na fila pra sair do estacionamento. Dessa vez a barreira levantou. Claro!

Bom, o resto é fácil... Vinte quilómetros à volta da cidade. Jesus à esquerda, a ponte com o nome da data da “Revolução dos Cravos” – à direita... Entro na faixa da direita pra não ir pelo centro da ponte. Lá o asfalto faz muito barulho embaixo das rodas. Depois mais dez quilómetros e estou em casa. No entanto, resta menos de meio tanque de gasolina. Não gosto! Me diziam que meio tanque é muito... Aqui não é Cascais – há postos de abastecimento de combustível em cada esquina! Mas não é possível quebrar o hábito!

No postos de abastecimento tudo é elegante. Coloco a mangueira no tanque, agora pressione o botão “25 euros” ou 40, ou 50... Encherá pela quantia apertada. Queres um tanque cheio? Затем снимите кран, подойдите к кассе и скажите, чего вы хотите, вернитесь, возьмите бензин и снова подойдите к кассе, чтобы заплатить... Mas a

primeira vez preciso dizer em português “tanque cheio”. Só lembro so em francês. Mas pra entenderem francês duas vezes num dia! Estou com duvido! Não tentava experimentar. Quando é complicado, por algum motivo sempre uso palavras alemãs: halt, zurück, danke schön, e claro, nicht verstehen. Escolhi o mais educado “danke schön”. Acertei! Em português “tanque cheio” é quase “obrigado” em alemão (“tanque cheio” – tähn-kee shay-oo). Embora pudesse ter usar “tradução on-line” no alto-falante... Aparentemente, depois do aeroporto já estava no piloto automático.

* * *

Sim! Esqueci de dizer. A “Comarca” de Lisboa tem os mosquitos “não nossos”. Voam, zunem e somem... Masik nem acorda e continua a dormir. Pensa: “Acabou!” Mas não. No dia seguinte aparece o mesmo. Claro, pode ser outro... Parece que o de hoje zumbiu mais forte, diria mais fininho. Tentei fotografar – não dá. Ou será mosquita? Aí a coisa é feia! Essas vivem mais de um mês, o dobro dos machos, e são elas que realmente picam. Desgraçadas! É que eles querem aminoácidos! Sim, eu tenho muitos! Porque como Herbalife. Mas isso não significa que deva compartilhar com qualquer terceiros. Aqui é caríssimo! É uma pena...

Os nossos são diferentes! Não importa sexo ou zumbido. Sentam-se em cima de ti e bebem o teu sangue, pisam-te o peito todo.

* * *

Se a noite estava fria e choveu, a floresta da manhã é igual à do Istmo da Carélia. O vapor dela se manifesta nos raios de sol que trespassam densos ramos de pinheiros e abetos. Além disso, nasce e desaparece, depois volta a cobrir as longas agulhas verdes com uma névoa de véu transparente. Nas patas inferiores dos pinheiros há frágeis teias de aranha. Muitas. Tocas nele e eles se espalham em respingos brilhando ao sol, espalha-se nas flores roxas de urze brilhantes.

* * *

Tudo o que falei foi acerca do elevado e do puro! Aqui, na “Comarovo” de Lisboa [estância balnear nos arredores de São Petersburgo] o urze floresce por todo o lado! Há tanto que não adianta cortar ou não as flores – Apollinaire de qualquer modo “não aparece”. Impressões efémeras, vivências que se desvanecem... Mais cedo ou mais tarde, tudo aquilo a que nos tentamos agarrar e guardar escapa-nos por entre os dedos. É precisamente esta fragilidade que torna a nossa vida tão bela. O que é maravilhoso no mundo é precisamente a impermanência.

Isto é perto de Lisboa! Por alguma razão, foi aí que o caminho de ferro de bitola angusta... Estende-se ao longo de toda a costa. É tão estreita! Com uma seta definidora e por algum motivo com o número “13”. É como se alguém quisesse satisfazer os banhistas, transportar-os para trás e para

a frente ao longo de toda a praia. Assim: olhem aí a América! Admire! Embora seja improvável ver esta “bênção ou o benzimento” do outra costa. Por acaso, é assim que nome “Lisboa” é traduzida em fenício antigo.

Vamos hoje com o Masik à praia do oceano, até aquela mesma via de ferro de bitola angusta. Recordaremos o passado, “para que não doa agoniadamente pelos anos vividos sem propósito...”, celebraremos e nos despediremos do pôr do sol.

Ora essa! Celebrar!? Ainda preciso me esforçar para isso! Portanto pus-me à procura do “pão de cada dia”. E tive sorte, preciso dizer. Encontrei carne verdadeiro para o caldo e línguas de vaca frescas! Uma loja pequena na cidade de Amora “Talhos grupo: Silau”, a dez minutos de Verdizela. Até de olhar já abre o apetite. O que acontece quando a cozinho! É difícil imaginar. Sento-me à mesa de frente para a lareira, afasto o vaso com os galhos de urze... Pão escuro com mostarda barrada, fatias tenras de língua cozida ligeiramente arrefecida, que não vem do frigorífico como é frequentemente servido nos restaurantes. Para a língua o rábano de um pequeno vaso. Muitas e muitas verduras...

Peraí! Tudo misturado. Primeiro o caldo! Adicione um pouco de alho picado e natas ácidas, também encontrei-la, essa gustosa. Pão escuro com o caldo, claro! Não tem endro... Desculpe!

A vodca, não vou beber.

* * *

Hoje é oito de março. Março... O arbusto cobriu com suas flores amarelo-esverdeadas toda a floresta de pinheiros daqui. Em vinte dias, por entre esse cobertor canário começarão a despontar brotos novos de urze, e mais um mês ou dois suas inflorescências roxas, rosas e brancas substituirão de todo o azedo limão do úlex murcho, e encherão o ar com seu aroma suave, quase imperceptível... Mas os odiados espinhos dos arbustos omnipresentes continuarão a cumprir a sua função protetora. Nem sequer permitem que se toque no véu de urze em tons pastel que cai aos pés dos pinheiros jovens em flor, que nesta altura já estão cobertos de pinhas macias masculinos e femininos verdes claras e cor-de-rosa... Sim! Delas se pode fazer doce...

Nós coletamos outros – aqueles que caíram no chão há muito tempo e abriram depois de pelo menos dois ou três dias de sol. As molhadas logo após a chuva murcham e aquecidas depois junto à lareira, a crepitam lindamente, manteve o meu pequeno Maciek sem dormir durante longo tempo.

* * *

Nevoeiro da manhã em Lisboa... A ponte “25 de Abril” está meio escondida. Só se ouve o ruído dos carros a passar. E do outro lado nem dá pra ver a estátua de Cristo de 82 metros de altura! Mas como “respira” a floresta em “Lisboa Komarovo”!

À noite, contra o pano de fundo do círculo laranja brilhante do sol, que se vá a pôr atrás da orla da

floresta, os pinheiros estão completamente negros, e os últimos reflexos de cor vermelha vagueiam nos jovens abetos. Como se alguém não apagasse a fogueira... Lindo! Mas há um “mas”! Se o sol se põe apenas atrás da orla da mata, sua luz ainda ilumina um pouquinho o céu, mas se além dessa orla há o imenso oceano... Daí, do horizonte, nada mais chega até aqui. Longe demais! Caminhamos frequentemente com Masik pela floresta. Geralmente até o almoço. Mas desta vez fomos à noite, não sei por quê. Ainda havia sol e no pinhal jovem realmente “vagueavam os últimos reflexos de cor vermelha”... Encontramos uma trilha nova. Havia muitas boas pinhas. São ótimas para acender a lareira. Um saquinho no posto de abastecimento custa quatro euros! Curvo-me diligente atrás das pinhas, como se juntasse dinheirinho, ponho-as em sacos plásticos. Já enchi quatro sacos. Hora de ir para casa. Amarro os sacos plásticos com uma corda e carrego-o às costas – um bom exercício! Olho, e não tem mais sol. Tínhamos que ir exatamente pra oeste. Mas onde fica o oeste? Trilha desconhecida. Abro o GPS no android. Então ele, que desgraçado, mostra que temos que caminhar quinze quilômetros até casa!

Compreensível, encontrou similaridade de estrada – faixa sob linha de transmissão elétrica, e mostra como chegar em casa seguindo-a. Ou seja, é preciso ainda encontrá-la, tal linha, e caminhar sob ela, até que em algum lugar cruze com rodovia... E daí pelo asfalto, pelo asfalto... Nojento! O tele-

fone “diz” que a casa está bem próxima, e até seta indica onde... Só não há estrada nem trilha até lá. Apenas escura floresta com arbustos espinhosos do tamanho de um homem. Até agora não sei como se chamam. E não quero saber! Mas florescem bonito, os malditos! De repente, lembrei-me: “Surpreendente, o que um raio de sol pode fazer à alma de um homem!” (Fedor Dostoevsky). Paramos eu e Masik, pensamos no que e como, e seguimos direto para aqueles espinheiros. Como a “seta” indicava, assim fomos. Talvez encontremos um caminho familiar! Embora, conhecida ou não, no escuro não dá para discernir, e isso não faz grande diferença. De qualquer forma, é preciso ir em linha reta. Os sacos com “combustível” foram deitado fora. Como se tivesse deitado trocos do bolso e atirado na escuridão imensa. Escondi Masik sob o casaco... Ele está ali encolhido com o coração a bater com medo... Caminhamos meia hora. Ou melhor dizer nós não caminhávamos, mas rompemos! Nem sei com o quê comparar tal prazer. Pena não ter luvas! Arranhei as palmas das mãos com arbustos, estraguei o meu casaco. Bom que não ter me barbeado na semana! Os espinhos não arranharam tanto meu rosto através da barba... Agora vamos saber: antes do pôr do sol aqui no fim do Mundo, não entrar na floresta! Não vale a pena. Melhor em casa, sentar-se junto à lareira com pinhas a arder, ou à costa a admirar o caminho que se apaga na ampla superfície da água.

* * *

Eis a verdade: “Perder-se é a melhor maneira de encontrar algo interessante. (Paulo Coelho)”.

* * *

Há tal ditado: “Ontem inverno imperava, mas breve virá o estio! Graças...” E assim por diante. Ora, ontem foi o “Dia da Bondade Universal”... E hoje começou, até a “Semana Primaveril da Bondade”. 730 pessoas acrescentaram essas três palavras ao calendário pessoal. Eis senão quando! Dentre eles, 333 homens e 163 mulheres. Os demais não indicaram seu gênero... (Números, como sempre, “tirados do ar”). Há ainda o 17 de fevereiro! Este é, na verdade, o Dia da Manifestação Espontânea de Bondade...

Quão árduo é cultivar no homem o que contradiz a essência do existir social!

E aqui, em Verdizela, tudo como antes. À noite – 10, de dia – 16, o Oceano – um encanto! O ponto mais ocidental da Eurásia, a mais longa ponte da Europa, o maior centro comercial...

Conformação da alma

Essaio

Na ciência química existe tal fenômeno – interações fracas. Elas são responsáveis pelas propriedades conformacionais, forma e estabilidade da estrutura das macromoléculas. Essas conformações lá são de todos os tipos. “Inibidas”, “bloqueadas”, “enviesadas” e até mesmo “catastróficas”. Na vida – também é assim! Por vezes, alguém que conhecemos por acaso toca, sem querer, no casulo impenetrável dos tuos laços e relações estabelecidas. É esse “alguém” que, sem o saber, corta cuidadosamente a pele espinhosa do mundo que o rodeia, rasga a concha impenetrável das suas emoções habituais e, através das rachas, penetra o sabor delicado da Vida!

Um mar de sensações, como uma lufada de ar fresco através de uma janela aberta, penetra na sua alma, preenche com êxtase, ternura e um pouco de languidez... Gradualmente, como um gotejamento, os laços tóxicos são lavados ou, embora também lentamente, os laços valiosos e saudáveis são lava-

dos como areia dourada. São exatamente esses encontros que de repente abrem um mundo completamente diferente para sim, novas possibilidades e horizontes de vida...

Mas como é que se consegue reconhecer algo de novo e invulgar no pântano movediço do familiar e, com base nisso, seguir em frente? É tão fácil como encontrar a rua mais estreita do centro de uma grande cidade e percorrê-la, penetrar nos segredos da criatividade de um grande poeta que ali viveu. E se não penetrar, pelo menos sentir a habilidade dele de encontrar em qualquer pesadelo fragmentos do belo...

Essas sensações estão por toda volta ao seu redor e dentro de sim! No brilho do sol sobre uma gota de orvalho da manhã, no raio do sol poente que rompe as moitas da floresta, nos momentos em que as nuvens que flutuam no céu ainda podem ser vistas na areia molhada depois de a onda ter recuado...

Ou, de repente, encontrar uma flor a crescer diretamente de uma rocha, um movimento quase impercetível da mão de uma rapariga de quem se gostou há muito tempo atrás! Algo vira inevitavelmente dentro da sua alma...

Muita coisa muda! E em primeiro lugar, sua percepção da realidade. Vê e sente coisas em que não reparava antes? Ou talvez nunca tenha acontecido de todo? Ou será que o Sistema Solar está a começar a emergir do braço escuro da nossa Galáxia para uma zona com outras energias, erupções sola-

res, tempestades magnéticas que aceleram o “pulso do planeta” as ressonâncias de Schumann?..

Não! É uma tomada de consciência súbita de algo que não pode ser deduzido da sua experiência passada. É como uma descoberta e avanço na ciência, como o efeito túnel no micromundo, quando uma partícula com energia insuficiente atravessa uma barreira de potencial alta, como “rachas” no tecido espaço-tempo do Universo, que pode penetrar muito, muito longe, milhares de anos-luz...

Como isso é parecido! Basta estar uma vez na fim de um enorme continente, primeiro no leste, e depois, décadas depois, no oeste...

Pronto! Num momento, sentirá a brisa impossivelmente leve de vastas camadas comprimidas de tempo. Como em um filme, quase todos os principais eventos da sua vida passarão instantaneamente diante de sim. Mas, o que é interessante!? Tu os verá e sentirá de alguma forma nova, como uma revelação divina! Por quê assim? Por que o poder e encanto das primeiras emoções é tão maravilhoso, ainda não tendo apagado sob o peso da mente omnipresente?

Simplesmente acontece que, ao compreender o encanto até então desconhecido de algo novo, inesperadamente próximo e surpreendentemente familiar, a Mente humana de repente se inflama.

É praticamente impossível ultrapassar esta “inflamação dos sentidos”...

Sim, e não é necessário!

Andorra. É aqui que nascem as impressões

Essay

O terceiro dia em Andorra. Ainda não consigo entender o estranho sentimento que esta terra provoca. Montanhas sombrias por todos os lados. E hoje ainda houve uma tempestade. O trovão aqui tem uma voz muito diferente, e rola longamente entre os picos. Não se vêem as montanhas de uma só vez. As nuvens atrapalham e ao mesmo tempo ajudam. Ao mesmo tempo que expõem alguns picos, escondem imediatamente os outros. No início só se vê o contorno. Só depois consegue adivinhar o resto. As montanhas estão constantemente a mudar. Se no começo eu via uma montanha à esquerda, outra à direita e uma no meio, agora vejo muitas. Sobre o fundo de um pico começam a aparecer os contornos de outros. Sem sair do lugar, consigo contar mais de vinte. A luz muda, e há uma nuvem a sair do meio da montanha, e apercebo-me de que não é uma única encosta... Há helicópteros voando en-

tre estas montanhas. Vejo uma pequena máquina voadora amarela, aparentemente construída a mão, num ângulo agudo a cair rapidamente para baixo. Até o coração disparou, pensei que fosse cair bem aqui ao lado da casa, na estrada. Mas ele desapareceu tranquilamente sob meus pés... Quando se caminha, os contornos das montanhas mudam. Por isso é difícil reconhecê-las nas fotos – parece ser a Casamanya, ou talvez não. Quanto tempo será necessário para que os picos vizinhos se tornem realmente familiares?

Começa a observação. E isso é um pouco obsessivo porque, provavelmente, resulta de uma necessidade de sustentabilidade do redor. É a minha primeira vez nos Pirinéus. O terraço oferece uma bela vista das montanhas. Olho e começo a sentir a diferença em relação ao mar.

Perto do mar parece diluir os limites da alma. A sensação de largueza, de ausência de limites, de paz, alimenta a alma de uma forma especial, dando-lhe estabilidade e uma espécie de superficialidade. O mar atrai não pela sua profundidade mas pela sua vastidão. Que delícia afogar os olhos na imensidão do céu e do mar! Ao redor há solidão, silêncio, o som das ondas é monótono, tudo ao meu redor está ocupado por mim. Ou sou eu que penso nele? Na contemplação, o próprio “eu” se perde rapidamente!

A paisagem montanhosa é completamente diferente. Claro, a primeira impressão de um homem das planícies é de admiração com um gostinho de

inquietação. Inquietação com o incomum, o confinamento, o medo da altura. Estou agora a uma altitude de cerca de 2.000 metros e já estou acostumado com a mudança na respiração, mas ainda se sente.

Não tenho nada para fazer aqui, e fico as horas a olhar para as montanhas e a sonhar como vou inventar uma história ou mesmo uma novela sobre estes lugares, sobre a Catalunha.

Com as peculiaridades da percepção, tudo fica mais ou menos compreensíveis. Mas os sentimentos que nascem ao olhar para as montanhas ainda são difíceis de entender. Mas tenho a certeza de que aqui, rodeado pelas velhas montanhas altas, é o lugar mais bonito e mais confortável para concentrar experiências e impulsos criativos.

O melhor mesmo são as aldeias Os de Civís e Pal. A segunda fica perto da cidade de La Massana e de lá se pode ir de carro até a estação de esqui com montanhas de declives suaves a 2 km de altitude. O primeiro situa-se em Espanha em geral, mas só se pode entrar a partir de Andorra. A partir daí, surgem oportunidades engraçadas... Ambos são pequenos, bonitos, embora as encostas das montanhas estejam bastante próximas e, na verdade, se olharmos de perto, são um pouco opressivas. As casas estão encravadas nessas montanhas. Parece ser apenas um andar, mas desça, embora não seja fácil, olhe para baixo – três, ou mesmo quatro andares! Às vezes parece que nessas casinhas de brinquedo não mora ninguém. Só queres entrar pela porta e fi-

car lá. Sentar-se à mesa maciça de carvalho... Computador... Um encanto! Isto se para ti não necessita de uma cidade – um enorme formigueiro com uma infraestrutura desenvolvida de serviços, comunicações, instituições culturais, etc. Para me não preciso!

Nem toda a gente pode divertir-se com a multidão. Isso é dado apenas àqueles capazes de se embriagar com a vida, que adoram mascaradas e queimam de paixão pelas viagens. Mas quem não sabe preencher a própria solidão também não consegue estar indentro da multidão. O escritor goza do privilégio de continuar a ser ele próprio, de ser também outra pessoa ao mesmo tempo. Como almas vagueando em busca de um corpo, ele se incorpora quando e onde quiser, em qualquer transeunte. Assume como suas todas as ocupações, alegrias e tristezas que o acaso lhe oferece. É o mistério da alma que se doa, sua poesia e compaixão por tudo que ainda não conheceu.

A propósito de cultura. Existe um museu na cidade de Ordino. Chama-se, por estranho que pareça: “Museu de Miniaturas. Arte ucraniana e russa”. Bonecas, matrioskas, quinquilharias... E ao lado o consulado da Ucrânia em Andorra... Aparentemente, embora Andorra já não seja um enclave offshore, as montanhas que a rodeiam ainda conservam algo. Deve-se dizer que há poucos monumentos arquitetônicos por aqui. As igrejas são todas iguais, não importa o nome. Todas dos séculos XII–XIII. De

algum caso é impossível imaginar algo diferente: ângulos retos, ambientes estreitos, sem floreios, não dá para se mexer...

Mas chega de espiritualidade! Em Os de Civís há um hotel e um restaurante excelente. Os proprietários cozinham apenas com ingredientes próprios. Têm uma família grande e todos trabalham. Cultivam ovelhas, coelhos, galinhas, porcos, legumes e ervas frescas... É no dezembro! Até pescam seu próprio peixe. Tem um lugar ali com uma placa “Pesca permitida sem licença”. Profundidade de 15–20 cm. É lá que pescam. Comi três pratos da sopa catalã, depois mais carne, espetinhos, saladas... Tudo sem vinho. Com vinho não dá para comer muito! Claro, se tivesse vodca...

O caminho dessa aldeia até a cidade andorrana mais próxima são 10 minutos. Mas é melhor ter dois comprimidos de Biodramina. Curvas, despeñhadeiros e outras diversões estão em abundância por aqui. Como aliás no caminho de Barcelona até Andorra. Parece que de propósito construíram algumas paragens à beira do rio, com churrasqueira, lenha, mesa, bancos e água corrente. Gostou? É sua! Perto dali, mesmo na montanha, há placas nas árvores “Lote de terreno à venda”!? E, em baixo na berma da estrada há bandeira oficial da União Europeia, o mesmo atrás da bandeira já é Andorra. Só que Andorra não faz parte da UE? Do Conselho da Europa, sim. Mas são coisas diferentes! Mas bandeira mesma...

Sim, não me importa! Bonito e já está bom! Pensar em tais disparates quando há montanhas como esta por perto. Impossível tirar os olhos delas. Existem também encostas suaves com pequenos abetos, pinheiros e bétulas.

Sem dúvida – Viburgo! Mas Viburgo passa rápido pela janela do carro e novamente montanhas, montanhas, montanhas... Só olha para cima. E a estrada serpenteia... Enfim, se tems Biodramina, tudo está maravilhoso!

E se de repente quiser ir para a França! E depois como? Isso não é um caminho para a Espanha, isso já é outra coisa! Nos jornais, na primeira página, em letras enormes: “Nevasca. Estrada para a França fechada!”. Passa-se uma semana, outra, finalmente removem com bulldozers os metros de neve acumulada, nevoeiro, visibilidade zero, o autocarro se arrastando... Uma paragem na fronteira. O motorista tenta não deixar ninguém entrar. O estado de emergência foi declarado na França após o ataque terrorista. Se pegarem alguém, vai ser ruim. Pode atrasar-se para as ostras e o foie gras. Mas chegamos a Toulouse na hora. Uma colega de classe da escola me encontrou e imediatamente fomos ao aniversário duma amiga dela. A propósito, são quase exclusivamente russos. Quem mora aqui há 40 anos, quem há 20. Interessante! Todos têm casinhas. Mesmo que nos arredores da cidade. Perguntam tudo sobre Putin... e por algum motivo gostam de Le Pen...

Conclusão. Andorra é um encanto! Admirar – claro! Criar – ótimo! Morar? Muito exótico! Não é para todos. A França ou a própria Espanha, embora de certa forma senhoras de Andorra, são ainda mais diferentes dela do que a Áustria da Alemanha, quando se sai de Salzburgo para Bad Reichenhall da Baviera, que lembra um pouco Andorra. Mas em que, em que lembra? Nas montanhas! Só que lá são os jovens Alpes e aqui são os Pirineus! Estes também estão a pressionar. Mas são dez vezes mais velhas, calmos e sábios...

Surpresa agradável. À noite, na grande estação de autocarros de Toulouse, o substituto do motorista aproximou-se dos que esperavam para sair – duas pessoas – e explicou delicadamente, embora em espanhol, que a partida estava atrasada trinta minutos devido ao acidente de alguém na autoestrada. Por causa do acidente de alguém...

Depois, senta-se no banco “privilegiado”, mesmo atrás do condutor, e fica todo o caminho à espera da próxima curva apertada, em simultâneo com o camião que se aproxima. Ele é comprido e pode derrapar facilmente. Bloqueará a curva e adeus! No nevoeiro, sem dúvida no nevoeiro (ou seja, gelo), não dá para cochilar nem ler. E, de facto, há muito que pôs o tablet de lado, vestiu tudo e, involuntariamente, agarrou freneticamente na sua mala com documentos e euros nas mãos. Quase como na juventude, no convés superior de um pequeno barco no tempestuoso Mar de Chukotka.

Ficar ali como um tolo, à espera. Só que lá, parece que só há água mole à volta, mas com uma temperatura de 6 graus negativos, e aqui – abetos fortes na encosta, mas a encosta é íngreme – 80 graus. Então, olhas para os penhascos ao longo da estrada e procuras. Procuras árvores grandes, ora de um lado ora do outro, e tenta achar o mais perto possível do asfalto... Talvez, em caso de acidente, elas consigam deter o autocarro em queda... E aí?

O desejo constante, não muito habitual, é o autocarro ficar plano e não capotar. Por um momento, olhas pra frente. Lateralmente o nevoeiro – tudo bem! Mas à frente – especialmente promissor. Pois é lá, no leite diluído que desce das montanhas cobertas de neve para o asfalto mal visível e sinuoso, que fatalmente deve aparecer o tão aguardado camião! Tanto mais terrível quando, de repente, não se vê um condutor à frente, mesmo à nossa frente... Ele não está aqui! Desaparecido! Escondido! Saltou em movimento... Traidor! Assassino! Quase como na anedota : um autocarro viaja por estrada igual, e o guia, para acalmar os passageiros, fale: “não tenha medo, não olhe em volta, fecha os olhos, mesmo como assim que o nosso motorista...”

O que o idealismo subjetivo e a vontade irremediável de aplanar fazem! O autocarro é bastante alto e chega mesmo a tombar, e o motorista, como deve ser, está em sua cabine lá embaixo no fundo da carroceria. Mas essa compreensão não virá tão cedo...

Agora sobre outra coisa. Que país é esse, Andorra? Lavado, arrumado, ar e água puríssimos, trilhas ao longo dos riachos... Anda, não quer mais! Na cidade cheira a pinho, os pulmões respiram plenamente, as pessoas calmas, circunspectas. Por que a pressa? Expectativa de vida mais alta do mundo, quase 83 anos! Essa é a média. Significa que alguns vivem mais de 100! Aliás, por que invejar? Como diz o ditado: “Tarde demais para beber água de Borjomi quando os rins já falharam”. Principado, entende? Ao pensar nos clássicos, dá-me vontade de perguntar: “De onde vem o dinheiro, Zina Afinal, o imposto sobre o rendimento é apenas de 2%. Na Espanha é 30%, na França, inacreditáveis 38% – o primeiro lugar na classificação! Talvez porque na Espanha o desemprego é de 23% e entre os jovens, impressionantes 40%! Em Andorra, apenas 5% não trabalham. Cinco pessoas, não porcentagem. Toda a gente está a trabalhar. Todos são 70 mil pessoas... E de novo Viburgo vem à mente... Também medieval e também cidade europeia. Aliás, a única na Rússia, sem contar o enclave de Kaliningrado, a antiga Königsberg.

E também 70 mil habitantes. É o que significa estar bem atrás, entre montanhas, e não na “linha de frente”, na fronteira com a UE! E esses 70 mil andorranos sozinhos geram 80% do PIB apenas com turismo. Recebem 7–8 milhões de pessoas por ano. E considerando que isso ocorre basicamente em quatro meses de inverno... Significa que “carregam”

cem vezes “mais peso”. Formigas mesmo! Talvez por isso o PIB per capita em Andorra também seja de US\$ 41 mil, enquanto na Rússia é o oposto – US\$ 14 mil. Embora hoje deva estar ainda mais baixo. Claro, não precisam gastar com defesa aqui. Espanha e França fazem isso por eles. Mesmo assim... Sim! Ainda os bancos. Só locais! Tente transferir algum dinheiro daqui para outro país – logo cobram uma quantia razoável... De onde vem o dinheiro? Precisa investigar... Mas os bancos privados de Andorra já querem controlar todo mundo. Esta brisa fria vinda do outro lado do oceano é claramente sentida pelos seus empregados comuns...

Sim, chega! Isso já não é interessante. A racionalidade fria desperta e começa a apagar as primeiras impressões vivas.

Poeira da alma

Essay

*“A criação é uma obra comum, feita por solitários”.
«Se ouvires uma voz interior que te diz:
“não será capaz de desenhar”,
desenhe de qualquer maneira,
e num dia essa voz se calará».*

(Vincent Van Gogh)

O verdadeiro e duradouro Valor não está em determinada prova de metais preciosos, extraídos das entranhas da Terra, fundidos em fornos, cortados em pedaços e considerados quase a “Pedra Filosofal”. Dinheiro é apenas uma invenção da Razão. Assim como a reação termonuclear, ambas as invenções estão lentamente a matar! Só que o dinheiro mata a alma humana e o termonuclear mata o próprio homem. Com a primeira invenção é complicada! A segunda foi imediatamente clara. Aqui, o principal é controlar a reação! Mesmo assim, apesar de toda a grandiosidade da descoberta, isso apenas dará à humanidade possibilidades inesgotáveis de existência e desenvolvimento.

O verdadeiro valor está no que afeta sugestivamente a alma humana e move o homem diretamente, sem envolver a Razão, a sentimentos e ações elevados. Essas são as verdadeiras obras de arte, as sensações de pertencimento à sua criação e percepção. Esses são os únicos e completos testemunhos objetivos do desenvolvimento da personalidade, seu gênio e talento!

Quando as condições para a vida existem, resta ao homem apenas admirar, contemplar e ouvir, buscar a si mesmo... Por quê? Para realizar ao máximo suas características e habilidades geneticamente determinadas. Isso é o que traz alegria! Criar obras-primas de sua arte: na pintura e música, na literatura e ciência...

Só que, ao fazê-lo, é muito importante não se tornar uma testemunha passiva da azáfama inútil de todos os dias, da abundância de tecnologias consumidoras de energia. Elas são contrárias à natureza! Extrair minério, fundi-lo em correntes de metal, trabalhar o metal sob pressão, obter laminados, cortá-los em pedaços e tornear uma peça aparentemente tão necessária a todos como uma simples porca ou parafuso...

Há um único caminho! Familiarizar-se com as verdadeiras obras de arte. Mesmo que através de algo virtual. Como antigamente, quando nas bancas de jornal comprávamos cartões-postais com imagens de artistas amados, e no Nevsky, perto da Igreja Apostólica Armênia, adquiríamos coleções de obras de escritores geniais.

Assim através dos cartões-postais, nos familiarizávamos com o cinema mundial, e com a literatura, através dos volumes surrados dos clássicos...

Os criadores de objetos de arte percebem rápido que as tecnologias digitais não apenas aceleram o caminho dos frutos do trabalho do homem criativo até os olhos e coração do apreciador em potencial, mas também resolvem tecnologicamente a questão da preservação da originalidade da obra de arte, proteção e legitimação da propriedade intelectual do autor, sua reprodução digital e, o que ainda é importante, a monetização do trabalho do artista.

Afinal de contas, pode criar uma paisagem ou um rosto, pressionar um botão e tudo aparece, estilizado por alguém de quem é particularmente próximo – Manet, Monet, Renoir, Modigliani, Van Dongen ou Picasso, Dalí, Kandinsky...

Ou em seu próprio estilo! Pois o que importa é a originalidade da percepção do que se viu. A técnica de transmiti-la é secundária, e as palavras de Van Gogh citadas em epígrafe devem inspirar a todos! Principalmente se acreditarmos nos grandes mestres, a avaliação da arte com as palavras “parecido” ou “na moda” é o maior insulto para o artista.

Só há um “mas”! É preciso que a “Mente Ardente” celebrada por Apollinaire de um artista inspirado ou apreciador de sua arte não apague rapidamente o sussurro de suas Almas, e sua melodia seja sempre mais alta que o guincho dos hormônios!

O desenvolvimento espiritual, a avaliação e apreciação dos Valores eternos criados pelo homem é o objetivo mais elevado do desenvolvimento da civilização!

Privar o homem dessa possibilidade é o mecanismo de degradação e subjugação subsequentes mais conhecido, simples e barato. Por muitos anos e milênios, dinheiro, ações, títulos e “talentos” serviram como medida de Valor. As modernas tecnologias NFT – “Meta-Talento”, lastreados em obras de arte genuínas – são uma clara confirmação de que a história se repete, só que em um nível superior de desenvolvimento.

O “talento”, como unidade de peso, apareceu pela primeira vez na antiga Mesopotâmia no quinto milênio antes de nossa era. Hoje, esse nome é dado a um novo tipo legítimo de cópia digital de uma obra de arte, lastreado no valor total real do Ativo negociado. É um smart contract contendo termos criptograficamente protegidos de compra e venda, provas de acordo com a legislação vigente sobre o direito de propriedade do original e todas as cópias digitais de uma obra de arte específica ou outro item único.

Como isso se parece com o que as crianças do pós-guerra inventavam! Onde elas guardavam seus “valores”? No pátio, cavavam buracos secretos, colocavam lá embalagens bonitas de doces favoritos, cobriam toda a “riqueza” com pedacinhos de vidro e enterravam. No dia seguinte, vinham, removiam

uma fina camada de terra e através do vidro admiravam seus “segredos”, trocavam-nos com amigos. Verdadeiramente: “Pela boca das crianças fala a verdade”.

Sim, NFT é novo no mercado! Na essência, surgem novas relações entre o homem, o dinheiro e a coisa. Uma sensação de posse virtual secreta. Ela atrai! Atrai pela novidade, simplicidade e singularidade. Em vez de bancos, contas, títulos e leilões registros habituais de proprietários de ações ou cotas – redes blockchain protegidas e legítimas, tokens NFT e plataformas blockchain!

Mas o movimento da alma das pessoas que criaram toda essa diversidade de “maravilhas”, como uma leve brisa da realidade digital, parece enganoso hoje. Sempre foi assim... Especialmente no início de algo novo. Outra manifestação de mudanças tectônicas sociopolíticas que acompanham a formação de uma nova configuração mundial.

E, seguindo um hábito estabelecido há décadas, tudo de novo é inevitavelmente coberto com a poeira dos hypes e cliques, rejeição e gritos de ameaça e desespero das instituições de mercado que se dirigem para o passado.

Ah, como quero acreditar em Pablo Picasso: “A arte lavará a poeira da vida cotidiana da alma”! E abrirá novas e mais possibilidades para revelar a singularidade da personalidade.

A Insustentável Leveza do Ser...

(Swiss Air “Zurique – São Paulo”)

Conto

No aeroporto de Zurique não é fácil. Cinco horas de espera. Logo senti o grande propósito das malas com rodinhas e alças. Não havia ninguém com uma como a minha, com alça transversal. Rapidamente encontrei um carrinho e coloquei todas as minhas coisas nele. No entanto, isso não resolveu o problema definitivamente, pois a cada mudança de sala alguém insistia em me perguntar algo, ao que eu respondi com a mesma confiança “nou”. Eu tinha certeza de que estavam interessados em saber se eu tinha líquidos em garrafas. Na verdade, como descobri depois, os funcionários locais, aparentemente designados para cada sala, exigiam que eu deixasse o carrinho deles. Ao ouvir minha firme recusa repetida de “nou”, eles hesitavam um pouco, mas então simplesmente agarravam o carrinho e o puxavam para si. Tudo o que me restava era agarrar a mala, pendurá-la no ombro dolorido e marchar indignado para a próxima sala.

Lá havia muito poucas pessoas e muitas lojas fechadas. Sem dúvida por isso que estavam fechadas. Peguei outro carrinho, de novo coloquei minhas malas nele com alívio. Agora se juntou a elas uma mala com roupas de inverno, casaco, botas, chapéu... Também empilhei muitas revistas russas compradas em São Petersburgo. É um disparate, foram todos lidos antes mesmo de entrarem no avião para Zurique. Também comprei dois livros de Dostoiévski. Coloquei-os lá também.

Enfim, a última sala. Preciso comer alguma coisa. Mas não! Apenas bares com sanduíches, café e álcool estavam abertos. Ao lado havia pizza quente e outras coisas, mas isso era apenas para os pilotos. Palavra, dei a volta em todas as salas várias vezes à procura de comida decente, mas não encontrei na Suíça. A propósito, cada transição de uma sala para outra me custou exercícios físicos para levantar a mala pesada do carrinho. No final, eu acabei naquela última sala, onde estava meu portão de embarque. Mesmo sem comida, ainda precisei ir ao sanitários. Encontrei um querido ao meu coração. Mas a porta não se abre. Tentei de um jeito e de outro. Nada... Ao lado havia um carrinho com baldes, como no Comitê Central nos anos 80. Penso: “Limpeza”, e sigo em frente. No outro fim também havia outro. Esta porta, por algum motivo, abriu, embora baldes e vassouras bastante elegantes também estivessem ao lado.

Pensam que é tudo? De novo, não! Depois da porta havia uma escada, e o sanitários masculino

ficava no segundo andar. Finalmente desço com as malas nos ombros, abro a porta, mas o carrinho não está lá. Eles têm ordem. Tudo deve estar em seu devido lugar. Suíça! Não aguentei, voltei ao bar, joguei as malas no chão, fui confiante até o barman pela terceira vez e pedi uma dose dupla de uísque. Sento, medito. Não preciso de nada. Nem carrinho, nem sanitários com porta que abre “para dentro”, nem pizza quente... Peguei meu novo telefone, liguei a música de “O Intocável” com Alain Delon e fingi demorar para atender o telefone.

Deu vontade de mandar mensagem para todos sobre o quanto estou curtindo. Peguei um palito de plástico e comecei a digitar as letrinhas. Quando virei o aparelho horizontalmente, apareceu todo o alfabeto e vários sinais de pontuação, como vírgulas etc. Sento e digito. Calor na barriga. Não preciso de comida. Alguma coisa se mexeu embaixo da mesa. “Ah! Um gato”, pensei. Bem, o que mais pode passar pela cabeça de uma pessoa normal com resquícios de reflexos soviéticos? Olhei melhor. Onde foi parar o gato? Acontece que ao lado da mesa havia uma parede de vidro, atrás dela uma escada para baixo, provavelmente para alguma outra sala. Passageiros solteiros passam ocasionalmente de um lado para o outro.

A loja abriu. Comprei um chaveiro, uma bolsinha para pendurar no pescoço para guardar o que tenho de mais precioso. Tirei isso da calça larga e coloquei na bolsinha! Recém havia feito ele pelo

método progressista “Por uma janela” em São Petersburgo, na Rua dos Têxteis Vermelhos. No entanto, tive que trocar o interno também, pois ele estava inválido. No verso da capa interna estavam rabiscados quatro pequenos números – o código do cartão de crédito.

Mais um pouco. Em uma ou duas horas estarei no avião da companhia aérea suíça. Agora, só mais 12 horas e pronto! Meu lugar é próximo da passagem. Isso é um vantagem. Ao lado da vigia, há uma outra. Nele, uma rapariga de cerca de vinte e cinco anos. Isso também é um vantagem. Da Suécia, pelo que entendi de seu passaporte, dos viquingues. Ela logo diz: “Vamos nos conhecer”. Estende a sua mão. Como se dissesse, olá. Claro, eu acabara de enfiar a mochila dela no compartimento de bagagem acima, onde já estavam todas as minhas malas com alças longas para carregar nos ombros. Eu falava francês, é claro. Logo ficou claro que ela não entendia muita coisa, então, para impressioná-la completamente com meu intelecto, recitei o monólogo de Figaro de Beaumarchais. O discurso rápido em francês acabou com a minha vizinha. Ela concordou com o algoritmo de comunicação estabelecido. Eu falo em francês – ela entende e faz o que eu digo. Ela fala inglês – eu finjo que percebo. Com gestos, interjeições, movimentos da alma... Eu sei fazer isso! Quando alguém muito importante ti diz algo ou te pergunta algo mas tu não ouviste e não te conseguias pedir para dizer de novo... Ainda assim precisa

emitir algum som que sirva para todas as situações da vida.

Descobri que ela é casada. O marido mora na Alemanha. Ela mora na Suécia, com os pais na cidade de Malmö (uma “palavra feia” – em francês. Mas fui magnânimo e não informei isso a ela). Toda a família, como se tivessem sido escolhidos a dedo, são economistas. Às vezes, por conta do trabalho, ela precisa voar para o Rio. No geral, eles se encontram a cada duas semanas. Não mais frequentemente. Ora aqui, ora lá. Como se vê. Não há sistema. Cada um vive onde há dinheiro. E as manifestações de sentimento são um processo discreto. Elas se encaixam na parte financeira da vida. Oh, sim!

Enfim, dei a ela meu livrinho em francês “Os Segredos da ‘Mente Ardente’” com uma dedicatória na mesma língua: “À querida Cecília (esse é o nome dela), em lembrança da noite que passamos a caminho de São Paulo”.

Agora os pormenores do dia a dia. A cadeira à minha frente está inclinada. Mas a televisão, que está na parte de trás e me foi destinada, também está inclinada, pelo que não se consegue ver nada. O ângulo de inclinação dela não muda, ou melhor, muda junto com o ângulo à qual está presa. Não há malas de mão com coisas de higiene pessoal. Até os auscultadores da televisão são seus próprios para cada pessoa. Por exemplo, a minha vizinha, que conhecia os costumes de SuisAir, trouxe-os simplesmente com ela de sua casa. E assim, mais ou menos um

auscultadore para cada dez passageiros. Engraçado. Não estou a falar da dificuldade de utilizar o controlo remoto de um televisor “invisível”. A minha vizinha passou duas horas a tentar envolver-me na procura de satisfação. Encontrou alguns desenhos animados e depois disso ela acalmou. Adormeceu-a no seu canto, com os auscultadores ligados, enrolado junto à vigia. Mas ela dormiu muito, seis horas. Forte! Nunca seria capaz de me desdobrar depois disso...

Não falo da comida. Prato quente apenas à noite. Na mesma hora talheres metálicos. De manhã, salada fria de couve branco com maionese, um pedaço comprido de queijo, manteiga dura como pedra, que não pode ser colocado em nada. Só comer o pedaço directly. Provavelmente é por isso que garfos e facas são feitos de plástico. Ou talvez também porque em uma hora todos deixarão o enorme avião e podem facilmente causar danos à neutra Suíça, trarão consigo garfos de metal, bem como mantas? Isto vai ser uma catástrofe! Não há muito metal na Suíça. Por outro lado, o que deveríamos fazer? Como compensar o dano fisiológico? Nada de bolsas. Nada para escovar os dentes. Não se pode levar tubos e líquidos para a cabina do avião.

A “duty free” no avião é a mesma coisa que a comida. Quando voava pela British, davam uma revista onde foi dito claramente que relógios suíços Frederik Constant, que normalmente custam 800 libras, poderiam ser comprados por 270! Não há nenhum

relógio aqui. Então o que se pode comprar em uma embarcação suíça? Chocolate? Mas isso já é dado antes do embarque no lugar de uma balinha...

Enfrente do controle de passaporte, a minha vizinha desapareceu de repente. Olhei instintivamente para minhas malas penduradas no ombro dolorido. Depois apercebi-me. É como no metrô. Se não se comportar como os outros, por exemplo, ficar de pé e não se mover como os outros, eles virão imediatamente perguntar-lhe alguma coisa. Alguém pedirá dinheiro ou oferecerá uma raspadeira nova... A mesma coisa aqui. É que quando se voa muito, desenvolve-se um modelo ótimo de comportamento. Qualquer desvio aumenta a probabilidade de situações indesejadas. Não é aconselhável estar ao lado de alguém com quem acabou de passar a noite e conversar sobre qualquer coisa antes da inspeção. De repente ele é um leproso ou inadmissível. Então o vizinho também pode se complicar. Enfim, desapareceu, e tanto faz! Apesar de ter chegado mais tarde do que os outros à janela, fui o primeiro a sair do salão para a natureza. Esta é uma tradição que me acompanha desde a minha infância, quando, mesmo antes de uma paragem de autocarro, tinha de saltar do comboio para ser o primeiro a apanhar um autocarro com apenas três lugares livres.

Lá fora está +28°C! Diretamente para a casa-de-banho. Tiro as calças e visto um shorts. Por cima, camiseta vermelha com a frase em inglês “Salvem Boris”. Tudo aconteceu muito rápido aqui. Uma

hora de voo e o avião está a caminho de Floripa para aterrizar. Já posso mandar mensagem para o filho. Ele responde: “Vejo seu avião”. Não aguento mais e envio-o “É meu mesmo!” Ele responde: “Mas eu não vou lavá-lo”.

Brincadeira...

Desacoplar o sonho

Essay

Ah, é tão bom viver duas vidas inteiras!

Eu, por exemplo, faço isso mesmo. Uma nos sonhos, outra na realidade. É simples. Só precisa de cumprir duas condições. Boa imaginação e inércia mínima de qualquer emoções. Embora a tecnologia seja, claro, complexa. Primeiro é necessário verbalizar as possíveis variantes do desenrolar dos acontecimentos. As que gostaria de ter. Depois, é preciso apresentá-los de forma viva, sonora, sumarenta e organizá-los por ordem de importância. Fez isso? Já é bom. Bem, e depois esperar! Isso é o mais difícil. Não apenas esperar, mas ao mesmo tempo, como diz a uma canção conhecida : “não espantar o conto de fadas e abrir as janelas para o mundo sem fim”. Então, pela janela aberta, o destino lançará muita coisa. Um fluxo inteiro de possibilidades! O mais importante é não reduzir o seu número, apressando-se a tomar uma decisão, escolhendo uma ou outra. O destino é mais forte do que todos nós! Ele mesmo te conduzirá ao movimento correto da

alma. Contudo, repito, é necessário descrever com precisão todos os seus desejos. Por quê? Para não confundir depois e fazer a escolha certa. Restará apenas estender a mão!

Ou retraí-la a tempo?..

Não vai resultar?

Ah, tudo bem. A inércia é zero! Inventarei outro sonho! Mas se a felicidade cair do céu sobre mim de repente, eu, como meu filhotinho, logo quereirei me banhar nela, espirrando migalhas de alegria.

Mas é tudo isso muito bonito se não tivermos de fazer nada! Nada que não queira. Nesse estado, é muito curioso observar os acontecimentos no mundo. Exatamente curioso. Nem mais, nem menos! Só assim não deixará de ver o quase invisível “ave do fogo” do Destino a voar pela janela e até conseguirá apanhá-lo pela pena.

Quando se está sempre preocupado com desejado, não se pode desfrutar da vida, não se ouve nem se sente o seu hálito quente, não se repara nas pequenas ruas encantadoras e ricas em história da grande cidade, não se inala o perfume do mel de alísso plantado à volta dos monumentos... Em vez disso, está a criar um excesso de potencial desnecessário no seu biocampo para ninguém ver. Faz com que nos agarremos aos nossos sonhos e ao nosso computador pendurado. As forças equilibradas, segundo a ciência, “empurram” esse campo bioelétrico de volta para dentro de ti e não dão aquilo que tu tanto queres. Muitas vezes aconselham: “Não se

preocupe!” Frase idiota. E, no entanto, tudo é mais que lógico e compreensível. Verbalize o sonho e então poderá controlá-lo ou pelo menos monitorá-lo. Ele não vai te prender, deter e apagar tudo o mais. É fácil dizer! Experimente fazer! Há pessoas para quem tudo dá certo, e o Universo parece jogar segundo as regras delas. A maioria de nós não é assim...

Борис Фёдорович Корнев

ОБЛАКА НА ПЕСКЕ
Сборник рассказов и очерков
(на португальском языке)

Художник А. Клопов
Технический редактор И. Павлов

Издательство «Историческая иллюстрация»
192019, Санкт-Петербург, ул. Глазурная, 2-89

E-mail: info@ist-il.spb.ru

Тел./факс: (812) 412 0737

Подписано в печать 30.05.2024. Формат 84 × 108 ¹/₃₂

Бумага офсетная. Гарнитура Minion

Объем 2,625 п. л. + вкл. 0,5 п. л. Тираж 500 экз. Заказ № ?????

Отпечатано в типографии «Арт-экспресс»

199155, Санкт-Петербург, В. О., ул. Уральская, 17, к. 3